Reatamento Com a URSS é Questão Resolvida

Texto na 3ª página

Anticomunismo - Arma da Reação Contra as Fôrças Democráticas

Art. de MARCO ANTÔNIO COELHO na 3ª página

NOVOS RUMOS

ANO III — Rio de Janeiro, semana de 24 a 30 de novembro de 1961 — Nº 146

A Propósito do I Congresso de Trabalhadores Agrícolas

Art. de GIOCONDO DIAS na 4ª página





REFORMA TRIBUTÁRIA DE TANCREDO: ASSALTO À BÔLSA DO POVO E BILHÕES PARA OS TRUSTES

TEXTO NA 3ª PAG.

Registro do PCB: Sede na Orla e Mesinha em SP

EM TODO o país, intensifica-se a campanha pela coleta de assinaturas para o pedido de registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro. No Rio, no último dia 13, perante grande assistência de trabalhadores marítimos, portuários, estivadores, operários navais, etc., instalou-se a Comissão da Orla Marítima Pró-Registro do Partido Comunista Brasileiro. A comissão é composta pelos srs. Sebastião Luiz dos Santos, Joaquim José do Rêgo e Antônio da Costa Silva. Instalou-se ao mesmo tempo a sede da Comissão (foto), na rua Camerino nº 36. A campanha na Orla Marítima foi iniciada com o lançamento de um manifesto subscrito por numerosos líderes sindicais, entre os quais os srs. Pedro Tôrres, Waldir Gomes dos Santos, Antônio Pereira Neto, Álvaro da Costa Ventura Filho, Firmino Fernandes, Manoel Inácio da Silveira, Ademar Latrilha de Santana, Joaquim Teles Pereira, Vicente Sotero Mateus, Edgard Vasconcelos Louro, Waldemar de Souza e outros.

EM SÃO Paulo, onde a campanha se desenvolve com enorme êxito, a mais recente experiência foi a instalação de uma barraca (foto) em pleno Largo São José do Belém, onde trabalhadores e estudantes, numa mesinha, vêm coletando grande número de assinaturas.

DE VÁRIOS outros pontos do país, chegam notícias do desenvolvimento vitorioso da campanha.

Reforma Agrária na Lei ou na Marra



O Projeto e o Gabinete

ORLANDO BOMFIM JR.

O PROGRAMA de govêrno apresentado pelo Conselho de Ministros ao Parlamento foi analisado por NOVOS RUMOS no momento oportuno. Denunciamos então sua origem espúria: tinha sido elaborado pela Consultec dos srs. Lucas Lopes, Roberto Campos & Cia. Destacamos seu conteúdo reacionário e entreguista. Não se orientava para o caminho da solução dos nossos problemas de acôrdo com os interêsses nacionais. Ao contrário, insistia em prosseguir, sob a tutela do FMI, pelos atalhos da submissão aos interêsses espoliativos dos monopólios norte-americanos.

APÓS a apresentação do Programa, ficou o govêrno de certo modo de braços cruzados. Só abria a bôca. Tanto o sr. João Goulart como o sr. Tancredo Neves entregaram-se a uma espécie de torneio oratório. Fizeram discursos em tôdas as partes e por todos os motivos. E chegaram a dizer coisas acertadas. Repisaram, por exemplo, na necessidade urgente de reformas de base. A situação — insustentável para as grandes massas trabalhadoras — não suportava delongas nem meias-medidas. Era necessário um remédio imediato e drástico.

EIS QUE o presidente do Conselho de Ministros envia agora sua primeira Mensagem ao Parlamento. E que pede? A aprovação de alguma das indispensáveis reformas de base? Nada disso. Pede a aprovação de uma reforma tributária. E a reforma que deseja (leiam a análise que noutro local fazemos dos principais aspectos do projeto) é no sentido de conceder escandalosos favores às emprêsas imperialistas e realizar verdadeiro assalto à bôlsa do povo. Trama-se, assim, duplo crime. E ao atentado, urdido às escondidas no Ministério do sr. Moreira Sales com a assessoria dos entreguistas da Consultec, procura-se dar na Câmara andamento ultra-rápido, uma "urgência urgentíssima" excepcional. E a pressa dos que querem consumar rapidamente o crime com receio de serem impedidos pela reação dos prejudicados.

O PROJETO de reforma tributária representa um desafio ao povo. As condições de vida já se tornaram intoleráveis. A voragem da elevação dos preços devora o poder aquisitivo dos salários e vencimentos. As privações aumentam. Fortalece-se a convicção de que paliativos, mesmo quando necessários, não resolvem. O presidente da República e o primeiro a fazer pregações nesse sentido. O presidente do Conselho de Ministros, no entanto, apresenta como solução uma reforma tributária que acentua a exploração pelos monopólios e eleva assustadoramente os impostos, o que significa maior impulso na subida dos preços, mais carestia, maiores privações. Achará o govêrno que a paciência do povo é inesgotável?

O PROJETO de reforma tributária também representa um teste para o Parlamento. Nunca alimentamos dúvida quanto à sua composição predominantemente antipopular. Foi o instrumento de que se serviram os conciliadores e reacionários para pôr fim, pelo compromisso da emenda parlamentarista, à crise política de Agôsto. Agora, quando os problemas se tornaram mais agudos e mais exigente a luta pela sua solução, o projeto de reforma tributária constitui um teste. Ao votar, o Parlamento também poderá definir-se.

QUANTO ao Conselho de Ministros, o projeto já o define. Ou melhor: confirma sua definição anterior. Ele faz promessas ao povo e serve ao latifúndio e ao imperialismo. Heterogêneo, com ministros ligados ao povo, tem em postos-chave conhecidos agentes dos monopólios norte-americanos, como o sr. Moreira Sales. Hoje, com maiores razões do que antes, os patriotas e democratas encontram motivos para redobrar esforços no sentido da substituição dêsse Gabinete por outro que seja realmente capaz de realizar reformas de base. E a essa luta se liga a mobilização imediata de fôrças, a realização de imediatas manifestações, por todos os meios e formas, contra a aprovação do projeto de reforma tributária. Derrotar o projeto criminoso e substituir o Gabinete entreguista — êsse o objetivo a atingir.

Estivadores: Aumento de 45% e Aposentadoria Aos 25 Anos

Texto na 2ª pág.

A JUVENTUDE ETERNA DE PICASSO

Art. de Georges Tabaraud na 5ª pág.

Homens Valentes e Organizações Poderosas Comandam a Luta Dos Camponeses

Reportagem de Luiz Fernando na 2ª pág.

A SESSÃO de encerramento dos trabalhos do I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas foi também o momento culminante do entusiasmo da massa camponesa. Durante três dias, 1 600 representantes dos homens do campo de todo o Brasil haviam discutido seus problemas, trocado opiniões, traçando caminhos para acabar de uma vez por tôdas com a ignominia de um regime latifundiário semifeudal que empesteia o país. E chegaram a uma conclusão de unidade: a luta, por uma reforma agrária radical, com a destruição do latifúndio. A poderosa demonstração de fôrça da massa camponesa atraiu ao Congresso os mais categorizados representantes do próprio Govêrno. A foto acima foi tomada quando chegava à sala das sessões do Congresso o presidente da República, sr. João Goulart. Na 8ª pág., completa reportagem de nosso enviado especial Rui Faco.

ARQUIVO-MEMÓRIA POPULAR MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILIANO

1960-1965

Federação de Jornalistas Tem Novos Dirigentes

Foi solenemente empossada, no dia 17 último, a nova diretoria da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais, presidida pelo confrade Gumercindo Cabral de Vasconcelos. As eleições processaram-se no dia anterior, em terceiro escrutínio, tendo votado 9 dos 17 delegados eleitores. A chapa encabeçada por Gumercindo Cabral obteve 9 votos, enquanto que a encabeçada por Ewaldo Dantas Ferreira não obteve nenhum.

A DIRETORIA

A nova diretoria da Federação é composta dos jornalistas Gumercindo Cabral (Guanabara), Nabor Cayres de Brito (São Paulo), José Carivaldo Brandão (Alagoas), Firmino Otávio Bimbi (Pôrto Alegre), Carlos Alberto Costa Pinto (Guanabara), Sinval Andrade Gonçalves (Amazonas), José Custódio Barriga Filho (Pôrto Alegre), Cauby Salles (Guanabara), Afrânio Tavares Vieira (Guanabara), Jairo Mendes (Est. do Rio) e Vitor Hugo. O Conselho Fiscal compõe-se dos jornalistas Inácio de Loiola Alencar Filho (Bahia), Antônio Pontes Tavares (Ceará) e José Corrêa Lima (Ceará). Para suplentes da Diretoria foram eleitos, dentre outros, os nossos colegas de redação Orlando Bomfim Júnior, Fragmon Carlos Borges e Nilson Azevedo.

O PROGRAMA

A atual Diretoria da Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais se propõe a orientar sua ação no sentido de alcançar os seguintes objetivos:

1 — **Fortalecimento** — A F.N.J.P. se fortalecerá na medida em que se fortalecerem os sindicatos filiados. Portanto, justifica-se uma ação dinâmica de ajuda aos sindicatos nos seus esforços em prol de uma vida associativa mais intensa destinada a ativar a sindicalização dos jornalistas profissionais, a defender os interêsses da categoria profissional, a estreitar os laços com os demais trabalhadores. A F.N.J.P., por outro lado, deve lutar pela preservação do seu sentido nacional: isto impõe uma posição de combate às tentativas de criação de federações regionais destinadas precisamente a limitar-lhe o campo de atuação.

2 — **Cooperação com os trabalhadores** — A F.N.J.P. prosseguirá cooperando com os trabalhadores em geral e com os gráficos e demais empregados de emprêsas jornalísticas, em particular. A unidade, como o definiu o II Congresso Nacional dos Trabalhadores, é essencial à conquista das reivindicações dos trabalhadores e à ampliação do progresso nacional. Juntamente com os demais trabalhadores, os jornalistas profissionais, preservando a liberdade e a autonomia sindical, conquistarão uma vida melhor e construirão um Brasil livre e desenvolvido.

3 — **Defesa da profissão** — A F.N.J.P. lutará com vigor crescente em prol de melhores salários, inclusive pela aprovação do Projeto 1.314 e da conquista de novos acôrdos inter-sindicais, da moralização do registro profissional e do livre exercício da profissão. Lutará contra tôdas as medidas susceptíveis de limitar o mercado de trabalho, inclusive as restrições à liberdade de imprensa e ao livre acesso às fontes de informação.

4 — **Unidade dos Jornalistas** — A F.N.J.P. apoiará tôdas as medidas capazes de favorecer a unidade dos jornalistas, em escala nacional e internacional. Cooperará, para tanto, com as entidades de jornalistas brasileiros e estrangeiros, que defendem essa unidade, recusando quaisquer critérios discriminatórios ou divisionistas.

5 — **Defesa da imprensa** — A F.N.J.P. defenderá a efetivação da função social da imprensa, que é fundamental ao regime democrático. Como atividade industrial, o jornalismo tem característica própria, que lhe impõe deveres e assegura direitos em relação à coletividade brasileira. Tôdas as facilidades devem ser asseguradas ao seu funcionamento, mas os jornalistas profissionais devem reclamar o cumprimento dos deveres da imprensa para com a coletividade nacional como base para assegurar o respeito [illegible] seus direitos.

6 — Defesa dos jornalistas que exercem sua profissão no rádio e na televisão, nos têrmos do projeto de telecomunicações em discussão no Congresso Nacional.

7 — Promoção de estudos para atualizar o projeto de Regulamentação Profissional em curso na Câmara Federal.

Estivadores: Aumento de 40% e Aposentadoria Aos 25 Anos

"A crescente unidade entre os 60 sindicatos que congregam os 45 mil estivadores em todos os portos nacionais, bem como a solidariedade dos demais trabalhadores, notadamente dos portuários, marítimos e ferroviários, têm sido o fator fundamental de êxito das nossas campanhas reivindicatórias", declarou à reportagem de NR o dirigente sindical Oswaldo Pacheco, presidente da Federação Nacional dos Estivadores.

Os estivadores, que haviam decidido apelar para o recurso extremo da greve, a fim de verem atendidas as suas mais prementes reivindicações, conseguiram que a Comissão de Marinha Mercante baixasse portaria beneficiando os trabalhadores da estiva com as seguintes medidas:

1) aumento de 40% nas taxas e salários;

2) equiparação da taxa de cubagem à taxa de tonelagem;

3) adicional de 30% nas taxas e salários dos serviços executados nos navios ao largo;

4) extinção do meio dia na parte da tarde;

5) estender às cargas estrangeiras as determinações constantes do boletim 205 da CMM (as cargas para o estrangeiro, que eram pagas por tonelada, serão agora pagas por cubagem, como ocorre no sistema de cabotagem);

6) instituição da semana inglêsa, considerando, para efeito de remuneração, que o dia normal de trabalho aos sábados termina às 11 horas. O trabalho executado após essa hora será considerado extraordinário e pago com 25% de acréscimo.

Essas seis medidas entrarão em vigor 10 dias após a sua publicação no **Diário Oficial.**

OUTRAS REIVINDICAÇÕES

Por outro lado, o Grupo de Trabalho criado por determinação do presidente da República, para estudar outras reivindicações dos estivadores, conseguiu fôsse homologado pelo ministro do Trabalho as seguintes reivindicações:

1) abolição total da estiva livre, devendo tôdas as emprêsas que ainda têm estiva própria utilizar-se dos serviços dos sindicatos de estivadores;

2) concessão da aposentadoria aos 25 anos de serviço;

3) reabertura das Caixas de Acidente de Santos e da Guanabara;

4) modificação do Conselho da Delegacia do Trabalho Marítimo que passará a ser constituído de um representante do Ministério do Trabalho, um dos estivadores e outro dos empregadores;

5) inclusão de um representante dos trabalhadores na Comissão de Marinha Mercante (essa medida, apoiada pelo ministro do Trabalho, será levada à aprovação do Conselho de Ministros);

6) reaparelhamento dos portos nacionais, com a utilização rigorosa das verbas destinadas a êsse fim;

7) garantia dos direitos adquiridos;

8) instruções reguladoras dos serviços de estiva nos portos brasileiros.

Êsses itens, apresentados pela Federação Nacional dos Estivadores ao Grupo de Trabalho e aprovados inclusive pelo ministro do Trabalho, estão apenas na dependência da assinatura de portarias, despachos e decretos.

50 DELEGADOS BRASILEIROS AO V CONGRESSO SINDICAL

Cêrca de 50 dirigentes sindicais brasileiros seguirão para Moscou nos próximos dias a fim de participar do V Congresso Sindical Mundial que se realizará de 4 a 16 de dezembro próximo, naquela cidade. A delegação brasileira, composta de líderes sindicais de todo o país, credenciados por suas entidades para participar do conclave como observadores é a mais numerosa da América Latina.

O I Congresso Sindical Mundial, patrocinado pela Federação Sindical Mundial, realizou-se em Paris em 1945; o II em Milão em 1949; o III em Viena, em 1953 e o IV em Leipzig, na RDA, em 1957.

A DELEGAÇÃO

A delegação nacional é composta de representantes de entidades sindicais de todos os Estados. A mais numerosa, a de São Paulo, compõe-se de 21 membros. Os representantes de Jundiaí, levam uma saudação ao Congresso aprovada pela unanimidade dos vereadores, que também destinaram uma verba de 50 mil cruzeiros para ajuda às passagens da representação dos trabalhadores do município. Os metalúrgicos paulistas contribuíram com a importância de 400 mil cruzeiros para o custeio das passagens dos seus representantes. Outras categorias profissionais como o dos têxteis, gráficos, construção civil etc., também financiaram as passagens dos seus representantes.

Da Guanabara, já está pràticamente estabelecida a ida dos dirigentes sindicais Waldir Gomes dos Santos, marítimo; Altair de Oliveira Hespanha e Clestenes do Rêgo Barros, aeroviários; Antônio Pereira Filho, bancário; Hermes de Caires, rodoviário; Benedito Cerqueira e José Lelis da Costa, metalúrgicos; Roberto Morena, marceneiro e José Campelo, ferroviário. De Minas Gerais seguirão Armando Ziler, bancário; Delmir Vilela e o presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Minas de Morro Velho. Do Ceará seguirão os dirigentes sindicais Carlos da Costa Jatai, gráfico; Olga Nunes, gráfica; Luciano Antônio Girão, bancário e Walter Batista Moreno.

Tôdas as delegações levam saudações dos trabalhadores de seus respectivos Estados aos trabalhadores de todos os países que se reunião no V Congresso Sindical Mundial.

"Barnabés" Vão às Ruas na Luta Pelo Aumento de 50%

Servidores federais e autárquicos de todo o país continuam desenvolvendo intensa campanha, visando à conquista de um reajustamento de 50% em seus vencimentos, a partir de 1 de dezembro do corrente, quando completa um ano do último aumento conseguido com a lei da paridade.

Na Guanabara, a campanha chegará ao seu ponto culminante com a concentração-monstro que se realizará na sexta-feira desta semana, em frente ao Palácio Tiradentes, às 18 horas. A concentração, promovida pela Federação Carioca dos Servidores Públicos, é parte das manifestações que se realizam em todo o território nacional, visando a exigir do Govêrno o envio imediato da mensagem ao Parlamento, pedindo o aumento geral de 50% nos vencimentos dos "barnabés".

PASSEATA

A concentração da próxima sexta-feira culminará com uma gigantesca passeata pelas ruas da cidade. Os marítimos, portuários e ferroviários, que foram os grandes baluartes da luta vitoriosa pela conquista da paridade de vencimentos entre servidores civis e militares, estarão presentes às manifestações do dia 24 do corrente.

EM SÃO PAULO

Os servidores federais e autárquicos de São Paulo, integrados na campanha, enviaram um memorial ao presidente da República, ao primeiro-ministro e ao Congresso Nacional, solicitando providências imediatas para a aprovação de um aumento de 50% nos vencimentos do funcionalismo, para recompor a remuneração aviltada pelo encarecimento do custo da vida em todo o país.

Paraná: Batalha Pela Posse da Terra Começa Nos Confins do Oeste

Homens Valentes e Organizações Poderosas Comandam as Lutas Heróicas Dos Camponesas

Texto e fotos de **Luiz Fernando**
Enviado especial de NOVOS RUMOS

Eram quase oito horas da noite quando cheguei a Cascavel, depois do ônibus percorrer, em cêrca de cinco horas e meia, os 150 quilômetros que separam esta cidade de Foz do Iguaçu. A cidade tem mesmo o formato da cobra. Comprida e estreita, as extremidades mais finas que a parte central do corpo. Seu aspecto lembra o oeste norte-americano dos filmes, tôdas as casas de madeira, com bares, hotéis e tiroteios.

Não sabiam me informar a rua onde eu deveria ir, até que num bar, onde tive de aceitar uma cachaça para espantar o calor e a poeira, um cidadão se dispôs a me acompanhar. Saímos do perímetro iluminado, mal iluminado, a luz elétrica, e entramos numa ruela escura e esburacada. Depois de muito batermos à porta, uma luz se aproximou pelas frestas.

DURVAL

Durval Hoff é o homem que mais me impressionou até hoje. Olhando-o, ninguém diz que tem apenas 57 anos. Cabelos brancos, muito magro, doente há quatro anos de artritismo, tem as mãos e os pés entrevados. Um espírito excepcional. Há mais de trinta e cinco anos vem dedicando sua vida às lutas de nosso povo, sofrendo misérias e violências de tôda sorte, nada abala seu ânimo. Pelo contrário, quanto mais limitadas são as suas condições físicas, mais empenho põe em buscar novas formas que o permitam continuar colaborando em todos os movimentos que visem a melhorar as condições de vida do povo. Agora, que não pode nem calçar sapatos (usando sandálias quando é indispensável movimentar-se), foi despertado para a poesia e, com enormes sacrifícios visuais (luz de lamparina) e gramaticais, vai dando forma poética às suas impressões da luta, seus poemas contribuindo para orientar e elevar o espírito de luta dos camponeses.

Durval nasceu em Barra do Ribeiro, perto de Pôrto Alegre (RGS), filho de fazendeiro rico e com vontade de ser marinheiro. Seu físico franzino, porém, obrigou-o a aprender o ofício de alfaiate, com o que defende atualmente o pão de Iracema, sua segunda mulher, e seus dois filhos, Tusinho (Artur) e Carlinhos, o mais velho com treze anos.

Já em 1921 quis participar do levante chefiado pelo capitão Paes Leme na disputa de fronteira entre Paraná e Santa Catarina, em 1926 tomou parte na revolução separatista dos três Estados sulinos chefiada pelo coronel Fabrício Vi[illegible], e em 1930 foi segundo-tenente do batalhão "bate-pau" (civis incorporados), fazendo a vanguarda na tomada de Joinville.

Suas prisões começaram em 1935 por ser simpatizante de Prestes. Estêve novamente na cadeia em 37, 45 e 51. Nesta última, em Foz do Iguaçu, passou 16 dias em companhia de um tuberculoso, sem apanhar sol e sem receber alimentos, acreditando vir daí a sua enfermidade.

PROFISSÕES

Durval conhece de perto a vida da região. De 1927 a 1936 foi colono, tendo de comprar por oito mil réis uma enxada "Tira-fogo" para pagar em serviço. Tal era a sua miséria, que só depois de dois anos de trabalho pôde comprar, fiado, um tamanco, que foi pago em lenha a novecentos réis o metro. Em 1936 voltou a ser alfaiate, ganhando oitenta mil réis por paletó, feito em três dias, com o que sustentou a família. Mais tarde foi caixeiro-viajante e conheceu grande parte de Santa Catarina e Paraná.

ARIGÓ

Quando saiu da prisão em 1945, estava tão mal de vida que foi trabalhar como arigó, categoria pária nas profissões do interior.

O arigó trabalha abrindo estrada, começando antes de amanhecer e acabando quando escurece. Dorme em tarimbas, não tem direitos, quase não come. Naquela ocasião o arigó recebia noventa centavos por hora, pagos em espécie, no sistema do vale e do barracão.

Durval chegou a Cascavel em 1946, trabalhando como alfaiate. Três anos depois dedicou-se novamente à lavoura, introduzindo na região a plantação irrigada de arroz.

ORGANIZAÇÃO

Durante todo êsse tempo a vida de Durval se dividia em esforços isolados para sustentar a família e participar das lutas populares. Em contato com outros, sentiu que a única solução para os problemas era a luta comum, organizada.

Em 1947, o já citado latifúndio Mate Laranjeira, por iniciativa de seu gerente, com certeza desgostando amargamente seu pai que lhe pôs o nome de Frederico Engels, começou a atacar os posseiros para arrancar ervas e fôlhas da palmeira, para o que havia uma multa de 50,00 por palmeira, que a companhia não pagava. Foi chamado um inspetor do govêrno que afirmou nada poder fazer em virtude do poderio da Mate Laranjeira.

Durval e seus companheiros — destacando-se João Simões de Souza, atualmente com mais de 70 anos, participante da Coluna Prestes, e Joaquim Weber, com 69 anos, que foram os primeiros presidente e secretário, respectivamente, da União, e que até hoje participam das lutas — encetaram grande campanha pelos jornais de Curitiba e de outros centros, inclusive através da "Classe Operária", e daí nasceu a idéia de fundar uma União de Lavradores.

UNIÃO

Estamos conversando na casa de Durval, onde funciona a sede da UGTC (União Geral dos Trabalhadores de Cascavel), depois do jantar, à luz de uma lâmpada Aladim. Sua mulher lava a louça, e os dois filhos, fortemente gripados, sentam em volta, um com a cabeça no colo do pai, outro com os pés junto ao fogão. Os dois são muito espertos, ajudando bastante o pai, pois sabem de cor os nomes de todos os grileiros, conhecem bem os movimentos dos camponeses, são desembaraçados, ajudam a lembrar um detalhe aqui, outro ali. Durval procurava lembrar-se quando foi fundada a União dos Posseiros e Agricultores de Cascavel, semente da atual UGTC, que já conta com mais de 300 associados.

— Foi fundada depois do casamento do Zézinho — ajudou o mais velho.

— Então foi depois da morte de Getúlio — estabeleceu a mãe.

Durval conta o início:

— Uma das primeiras atuações da União foi no "grilo militar". Para se ver livre de dois posseiros valentes, Isidoro Ribeiro e Isaltino Portela, o aventureiro "capitão" Ramos levou, em seu próprio carro, uma escolta da polícia de Cascavel armada de fuzis. Lá chegando, a mulher de Isidoro, que tinha tido criança há menos de quinze dias, tentou impedir a entrada dos policiais na casa. Tiraram-na à fôrça, rasgaram suas vestes, arrombaram a porta e o sargento entrou. Os dois posseiros atiraram, ambos acertando-o na garganta. O "capitão" Ramos fugiu no carro, abandonando os soldados, que apareceram um dia depois na cidade, esfomeados, esfarrapados, apavorados. Levaram reforços, mas os dois posseiros já tinham se retirado para se armar melhor e continuar lutando. Trouxeram o sargento, que hoje vive na cidade, inútil, com um aparelho de prata na garganta.

— Uma garganta de prata, pai? — e os dois piás ficaram discutindo o jeito que os tiros teriam pegado.

Durval continua relatando o caso, e conta que a União fêz abaixo-assinado para a Câmara Federal, para o Tribunal de Justiça do Paraná e outros órgãos oficiais, protestando contra as violências.

O prefeito da época, José Neves Formigheri, que firmara os abaixo-assinados, traiu os posseiros, pois prometeu garantias e, quando êles apareceram, foram condenados à prisão, onde passaram nove meses, apesar de todos os esforços da União, que chegou a mandar vir um advogado de Maringá.

UGTC

A União Geral dos Trabalhadores de Cascavel (UGTC) foi registrada com êsse nome em 1959, tendo, daí para cá, participado e dirigido tôdas as lutas dos posseiros.

— No início foi difícil — diz Durval — A polícia rondando a casa à noite e querendo nos intimidar. Agora, com os choques mais agudos como a emboscada de Flôr da Serra e outros, o govêrno do Estado proibiu a polícia de fazer violências, despejos, etc. Agora só alguns juízes comprados pelos grileiros é que estão agindo contra a lei, havendo mesmo casos de atritos entre a polícia e o judiciário. No caso da senhora De Bonna, por exemplo, o delegado regional do Oeste, coronel Lapa, que tem plenos podêres concedidos pelo Estado para agir na região, vendo que se tratava de uma violência do juiz dr. Messias, prendeu o oficial de justiça Miguel Severino da Silva e admoestou severamente o juiz.

LEVANTE

Outra luta importante relatada por Durval foi o levante de 700 posseiros de Nova Aurora, município de Cascavel, em 1959. Sabedores de que a polícia ia despejá-los, os 700 ficaram armados dos dois lados da estrada, esperando. Mas chegou antes um destacamento do exército e o tenente disse que os camponeses podiam abandonar as armas que êle estava ali para garantir. Mal o trem federal saiu do local, a polícia veio e espancou bàrbaramente os trabalhadores, levando onze, tidos como chefes, para a prisão de Curitiba.

O delegado regional responsável por essas violências foi o major Haroldo Cruz.

REIVINDICAÇÕES

Atualmente, além de encabeçar as lutas dos posseiros, a UGTC dá assistência jurídica e agrícola, distribuindo sementes, e espera em breve distribuir vacinas. Tendo como objetivo geral e principal a reforma agrária, que, no caso local, significa desapropriar os latifúndios e dar as terras aos posseiros, a UGTC tem um amplo programa, com 14 pontos específicos, entre os quais os principais são a defesa e a legalização das terras dos posseiros, criação de comissões para acompanhar as questões entre empregados e empregadores, instalação de um pôsto veterinário, criação de uma seção de fomento agrícola, amparo à agropecuária, criação de uma feira-livre do agricultor sem intermediários, realização anual de uma exposição agropecuária.

CALIXTO

Líder bem diferente de Durval Hoff, que é tranquilo, calmo, e procura primeiro a lei para resolver as questões, é Pedro Calixto, de Campo Bonito, já apresentado aos leitores na primeira reportagem desta série. Meio descrente dos procedimentos legais, que sempre serviram para ajudar seus inimigos a persegui-lo, Calixto só acredita mesmo na fôrça organizada e armada dos camponeses para defender suas posses.

— Sou um homem muito combatedor contra as patifarias, e de vez em quando juntam muitos e eu sou obrigado a rapar o pé antes que me peguem.

Depois de nos mostrar fotos da sua retirada de Lajes (SC) onde foi criado o gaúcho Calixto conta, a título de exemplo das perseguições e métodos das autoridades, o caso da escola que êle e outros moradores de Campo Bonito fizeram.

— A escola antes funcionava ali naquela minha casinha. A mesma sala era escola, sala de comida e de receber as visitas que chegavam. O prefeito de Guaraniaçu em 1954, Jorge Pio Gonçalves, embora se recusasse a pagar o professor, prometeu arranjar madeira para construir o colégio. Eu mesmo puxei a madeira para o lugar, e ela passou lá dois anos sem o prefeito tomar nenhuma medida. Depois houve uma campanha política e êle queria que eu ajudasse. Recusei, e êle mandou buscar a madeira, que não deixei levarem. Êle mandou um próprio (recado levado por alguém) me oferecendo trezentos cruzeiros pelos meus serviços e eu disse que não era homem de trezentos cruzeiros. Mandou outro próprio, que não atendi. Um dia a madeira apareceu queimada. Depois nós reunimos os moradores, compramos madeira, pagamos carpinteiros, trabalhamos e a escola está funcionando.

Apesar de sua tristeza, alguns desânimos temporários, Calixto insiste em fazer melhorias onde mora:

— É sempre assim. Cheguei aqui há dez anos, cheio de planos, querendo fazer escola, parque infantil, hospital e outras coisas. Oito meses depois os latifundiários já estavam querendo me expulsar. É só juntar alguns vizinhos para trabalhar e êles já querem bater, prender. Mas nós vamos fazendo as coisas.

UGTCM

Por tôda a região vão surgindo as associações de trabalhadores e dirigindo as lutas com êxito.

Francisco da Silva, vice-presidente da União Geral dos Trabalhadores de Campo Mourão (UGTCM), fêz um histórico da associação, mostrando casos de grande monta que ela tem resolvido. Sem contar o amparo e a orientação que tem dado aos inúmeros trabalhadores obrigados a enfrentar lutas agudas pela posse da terra, a UGTCM já resolveu, pacificamente, com ajuda de advogados, e muitas vêzes sòzinha, inúmeras questões em que os camponeses recebem grandes quantias como indenização. Uma delas atingiu a soma de dois milhões de cruzeiros. Não é por acaso que a UGTCM já conta com mais de 750 associados.

AGRADECIMENTO

Essa viagem pelo interior paranaense foi, pràticamente, o meu primeiro contato com os problemas e os homens do campo. Por isso, a reportagem deve ter inúmeras falhas, coisas que não foram muito bem compreendidas.

Assim, com um pedido de desculpas, quero agradecer aos homens simples que me possibilitaram escrever algo sôbre êles, e, mais que isso, me deram uma visão e sentimentos novos sôbre uma porção de coisas que eu desconhecia.

Quero ainda, antes de citar alguns dos principais elementos que me ajudaram, dar uma satisfação a muitos, como Antônio dos Santos, de Cambira, Euclides Alves, de Terra Boa, Ana Damando de Souza, de Cianorte, João Pedro Damasceno, de Engenheiro Beltrão, Jesuíno Alves da Silva, de Peabiru, João Pereira Sobrinho, de Florestópolis, Olegário Teixeira Costa, de Campo Mourão, e muitos outros, cujas histórias me foram contadas e que, infelizmente, não puderam ser relatadas. Talvez um dia isso seja possível.

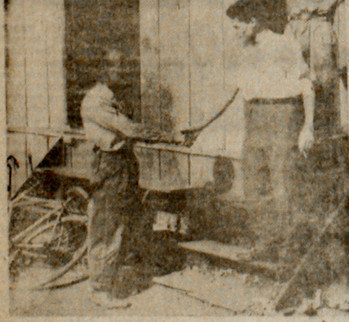
Quero terminar relembrando e agradecendo a Calixto, Sande e o professor Lauro Farin, de Campo Bonito, Francisco da Silva, Pedrinho Pereira e Moacir Ferraz, de Campo Mourão, Zé Rodrigues, vereador Bonifácio Martins, Juvêncio e Ramão, de Maringá, e João Zacarias de Matos, de Cascavel.

Em separado a Durval Hoff, um homem de verdade, que nem a doença nem o isolamento em que vive, longe dos centros mais adiantados, em Cascavel, conseguiram dobrar seu ânimo [illegible] sua perfeita [illegible] visão política para [illegible] os problemas dos habitantes da região.



A OUTRA FACE DO LÍDER

Com enorme dificuldade Durval costura paletós para sustentar a família. Para enfiar a linha na agulha tem que recorrer aos filhos, que estão sempre por perto ajudando.



FUNCIONA AOS DOMINGOS

Intenso é o movimento à porta das associações dos camponeses. Na foto, tirada num domingo, vemos Francisco da Silva, presidente da União Geral dos Trabalhadores de Campo Mourão, recebendo Olegario Teixeira, camponês ameaçado de despejo.

Reforma Tributária: Assalto à Bôlsa do Povo e Bilhões Para os Trustes

Reacionário e antipopular de ponta a ponta, eis o menos que se pode dizer do projeto de reforma tributária apresentado à consideração da Câmara pelo sr. Tancredo Neves.

Com efeito, no momento em que a carestia de vida asfixia o povo brasileiro, obrigando os reajustamentos dos salários em todo o país, pretende o govêrno, nem mais nem menos, elevar sensivelmente todos os preços de produtos industrializados, através da majoração em 25%, no mínimo do impôsto de consumo. E de tal monta o efeito dessa majoração que o govêrno prevê um aumento de 45 bilhões de cruzeiros na arrecadação fiscal em 1962, sòmente por conta dêsse tributo. Ora, o impôsto de consumo é dos que aderem ao preço da mercadoria. Portanto, serão 45 bilhões de cruzeiros saídos dos compradores que, em sua esmagadora maioria, são os assalariados.

No que se refere ao impôsto de renda, a reforma proposta é simplesmente uma farsa. Numa quadra da vida econômica e política do país em que possui tôdas as condições para tomar certas medidas contra os tubarões, o govêrno deixa na mais santa paz os lucros extraordinários. Nem sequer cogita do assunto. De remessa de lucros, juros, etc., o que existe no projeto é um completo engôdo: só atinge aquelas emprêsas que possuem mais de 70% de capital estrangeiro, quando a maioria se situa em faixa de porcentagem inferior a 70%. Mesmo assim, algumas emprêsas que deveriam ser atingidas — casos da Light, da Bond & Share, etc. — são postas a salvo da ação fiscal por disposição expressa no projeto (emprêsas de serviços públicos).

É de tal maneira favorável aos grandes rendimentos a reforma tributária do sr. Tancredo Neves que o impôsto de renda terá diminuída sua participação percentual na receita fiscal do país. Diante disto, não passam de deslavada demagogia as declarações contidas no discurso do primeiro-ministro de que não faria recair s[illegible] que ganham menos a [illegible] carga dos "sacrifícios". Como se vê, é exatamente o oposto que sucede. São os assalariados que entrarão com a maior parte dos recursos fiscais para cobertura do deficit orçamentário.

Cada detalhe do projeto mostra que a reforma proposta é para beneficiar os mais ricos e principalmente o capital estrangeiro contra o povo. Vejamos, brevemente, o que se passa com o impôsto único de combustíveis. Sob o pretexto de que é preciso atender à Petrobrás, fornecendo-lhe recursos, o que é uma necessidade, o projeto, porém, abre para as refinarias particulares a possibilidade de auferir lucros fabulosos, o que é uma imoralidade.

Como pode um Govêrno tão fraco ter a desfaçatez de pretender impor à Nação, ao povo brasileiro algo tão monstruoso?

IMPÔSTO DE ENERGIA

No bôjo da reforma tributária encerra-se também uma das maiores ameaças já feitas à economia nacional, em geral, e à bôlsa do povo, em particular. Através de diferentes artifícios, audaciosamente preparados por um grupo de entreguistas capitaneados pelos srs. Bulhões Pedreira e Eduardo Lopes Rodrigues, revogando sub-repticiamente dispositivos essenciais do Código de Águas, pretende-se proporcionar aos dois trustes estrangeiros de eletricidade — a Light e a Bond & Share — uma formidável massa de recursos extraídos dos consumidores de energia elétrica, inclusive os residenciais. Cálculos preliminares estimam que, com a aprovação dos dispositivos contidos no projeto de reforma tributária, os dois trustes contarão com cêrca de 50 bilhões de cruzeiros em cinco anos!

ÀS ESCONDIDAS

A pretexto da tal reformulação geral dos impostos federais, um grupo de trabalho formado no Ministério da Fazenda, integrado entre outros pelos dois entreguistas referidos, elaborou um substitutivo à lei do impôsto único de energia elétrica. Apesar de tratar-se de matéria diretamente vinculada ao Ministério de Minas e Energia Elétrica, o tal grupo de trabalho não deu o menor conhecimento de suas atividades ao titular da pasta, sr. Gabriel Passos, mesmo sendo fato de amplo conhecimento público que existe no Ministério das Minas e Energia, sob a presidência do dr. Paulo Richet, um grupo de trabalho que está cuidando exatamente do problema das tarifas de energia elétrica. Os entreguistas tinham plena consciência do que estavam tramando e mantiveram-se cuidadosamente na clandestinidade.

Agora, é visível o que pretendiam êsses obstinados advogados dos trustes estrangeiros: quando o ministro Gabriel Passos comparecesse à reunião do Conselho de Ministros que discutiria o assunto, seria colhido de surprêsa, pois estaria ignorando uma iniciativa governamental exatamente em terreno de sua atribuição.

O que aconteceu não foi muito diferente. Efetivamente, estando a referida reunião marcada para o dia 10 do corrente, sòmente três dias antes, a 7 de novembro, e ainda assim através de avisos de um patriota (que soube da trama), veio a saber o ministro das Minas e Energia do que se estava preparando. Imediatamente pôs-se em campo a fim de recolher elementos e fazer frustrar a manobra da Light e da Bond & Share. Talvez por simples coincidência, a reunião do Conselho foi então antecipada para o dia 9, quinta-feira...

Nessa reunião, de nada valeu a oposição do ministro Gabriel Passos, pois o projeto de reforma tributária foi aprovado por maioria de votos, inclusive a parte relativa ao impôsto sôbre energia elétrica. Mesmo assim, o ministro Gabriel Passos não ficou sòzinho na sua posição de defesa dos interêsses nacionais. Com êle — contra essa parte do projeto — votaram, também, pelo menos os ministros da Guerra (general Segadas Viana), da Agricultura (sr. Armando Monteiro Filho) e do Trabalho (sr. Franco Montoro).

A poderosa influência dos trustes imperialistas — corajosamente denunciada pelo ex-ministro João Agripino — continua a fazer-se sentir sôbre os círculos governamentais do Brasil.

De há muito que os entreguistas vêm forcejando as portas do Código de Águas, legislação de caráter nacionalista, para fazer dêle letra morta nos seus aspectos mais importantes. Um dêsses aspectos é o critério de fixação das tarifas de energia elétrica. Pelo Código, as tarifas dos serviços públicos de eletricidade devem ser fixadas de tal maneira que não excedam de 10 ou 12% do investimento efetivamente realizado pelos concessionários. É verdade que essa cláusula nunca foi cumprida, pelo simples motivo de que os trustes de energia elétrica nunca permitiram que o govêrno apurasse qual o seu investimento efetivo, isto é, sempre conseguiram evitar o tombamento físico e contábil dos seus bens. As exceções conhecidas são duas: Pôrto Alegre e Recife. A primeira, resultando em encampação; a segunda em vias de ter o mesmo desfecho, dado o vulto das irregularidades apuradas.

Pois bem. Com a manobra agora tentada pelos srs. Bulhões Pedreira e Cia. as tarifas de eletricidade passariam a ser fixadas segundo critério diverso daquele prescrito pelo Código de Águas. De fato, estabelece o art. 73 do projeto de reforma tributária, ora no Congresso, que "a tarifa fiscal a que se refere o artigo anterior será periòdicamente declarada pelo Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica, e seu valor será o quociente do valor em cruzeiros da energia vendida no país em determinado mês pelo correspondente volume físico (número de quilowatt-hora) de energia consumida durante o mesmo mês."

Ora, tendo em conta que são diferentes as tarifas existentes no país, dado o tipo de produção de energia elétrica (têrmo e hidrelétrica), a idade do investimento (os mais recentes estão naturalmente onerados pelas variações do câmbio, inflação, etc.), as dimensões das emprêsas produtoras, etc. — dados todos êstes fatores, é evidente que os dois trustes iriam colhêr enormes benefícios, pois teriam aumentadas suas tarifas sem qualquer contrapartida em favor dos interêsses brasileiros.

Além disso, ficariam livres para sempre do pesadelo de ver um dia cumpridos os dispositivos nacionalistas da Código de Águas.

Outro dispositivo contrário ao que dispõe o Código de Águas e que, ademais, carrearia recursos igualmente vultosos para os trustes de eletricidade, é o constante do artigo 85 do projeto de reforma tributária. Reza êle: "Os concessionários de serviço de energia elétrica ficam autorizados a condicionar a ligação de novos consumidores à contribuição, por êstes, da importância equivalente a até 36 (trinta e seis) vêzes a conta mensal de energia prevista para o fornecimento pedido." Estabelece, ainda, o artigo, que dessa exigência ficam excluídos os consumidores cujo consumo seja de menos de 50 quilowatts-hora por mês e ainda, que tal dispositivo não se aplica a ligações residenciais em prédios já habitados.

De acôrdo com essa pretensão dos trustes, qualquer industrial que deseje passar a utilizar-se de energia fornecida pela Light, por exemplo, terá que pagar ao truste canadense, para ter efetuada a ligação, uma quantia igual a até 36 vêzes o seu consumo mensal provável. A mesma exigência estará sujeito o consumidor residencial que ocupe um apartamento ou uma casa em primeira locação.

É um assalto descarado, como se vê. Para dissimulá-lo, para dourar a pílula, tal pagamento teria uma compensação: o usuário receberia do truste ações dêste último — "com direito a voto", diz o projeto para engabelar os incautos. Em primeiro lugar, é de ver que êstes votos esparsos em nada atingem os interêsses da Light, pois mesmo supondo que o truste distribuísse 50 ou 60 por cento do seu capital em ações, ainda assim, tais acionistas estariam dispersos, atomizados, nenhum perigo oferecendo, portanto, à concessionária. Mas, não é só. A Light poderia também — e isto é facílimo — declarar que não está dando lucros, sob a alegação de que as tarifas estão baixas, ou de outro pretexto qualquer, que tanto usa. Nesse caso, os possuidores das ações se desinteressariam pelas mesmas e iriam pô-las à venda, com o que a Light conseguiria reavê-las na Bôlsa por qualquer dez réis de mel coado.

E tanto é êste o golpe que a Light e a Bond & Share armaram que o sr. Bulhões Pedreira opôs-se terminantemente a um substitutivo apresentado pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico — publicado na imprensa paulista — para a distribuição das ações. O substitutivo do BNDE, admitindo o pagamento das ligações contra a entrega de ações da Light (excluídos, porém, da obrigação todos os consumidores residenciais), estabelece, entretanto, que tais ações serão emitidas em favor do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, o qual funcionaria como representante de todos os consumidores dispersos. Por sua vez, o BNDE emitiria certificados de financiamento em favor dos respectivos consumidores.

Ora, em tal caso, o BNDE, isto é, o Poder Público, passaria a ser detentor de uma apreciável parcela do capital dos trustes — que seria maior ou menor na medida em que crescessem as exigências em tôrno de novas ligações... Disto, porém, a Light foge como o diabo da cruz, pois o que quer mesmo é ter as mãos livres para espoliar ainda mais os contribuintes, sem qualquer contrôle ou fiscalização.

O fato é que o projeto de reforma tributária está no Congresso e a ameaça do assalto dos trustes está alojada em seu bôjo. É certo que as entidades brasileiras já tiveram oportunidade de manifestar-se sôbre o assunto, inclusive a Companhia Hidrelétrica do São Francisco, opõe-se ao projeto da Light e da Bond & Share. Mas, por outro lado, a Light conta com trunfos muito fortes no Conselho de Ministros e no Congresso tem obtido numerosas pretensões. A circunstância do sr. Tancredo Neves ser irmão do superintendente da Rio-Light, sr. Antônio de Almeida Neves, deveria levá-lo a agir pelo menos com mais escrúpulos numa questão como esta. O que se vê, porém, é que o primeiro-ministro não apenas encampa esta imoralidade, como, até mesmo, justifica-a em têrmos econômicos, ao falar, como fêz no seu discurso, na "exigência de participação de usuários de serviços públicos no esfôrço de investimento para a expansão dos mesmos.

Tudo isto mostra que ou as fôrças nacionalistas travam uma séria batalha pela rejeição dessa monstruosidade, ou o entreguismo terá lavrado mais um tento importantíssimo contra a emancipação econômica do Brasil.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Fazendo declarações, em Varsóvia, sôbre as relações polonio-brasileiras, o ministro das Relações Exteriores da Polônia, sr. Aram Rapacki, manifestou otimismo. Disse das possibilidades de ampliação do intercâmbio comercial e cultural entre os dois países. Falou da coincidência de pontos de vista políticos, entre poloneses e brasileiros, em relação a questões importantes: o princípio da coexistência pacífica; a atitude em relação ao colonialismo e à discriminação racial; o apoio ao desarmamento geral e o respeito à autodeterminação das nações.

* * *

Sôbre a criação de uma zona de desatomização da Europa Central, disse o chanceler Adam Rapacki haver encontrado no Brasil muitos partidários dessa iniciativa, que por sinal está ligada ao seu nome de estadista e diplomata ilustre. Também se referiu, o embaixador especial da amizade polonesa que há poucas semanas visitou o Brasil, à maneira através da qual os brasileiros mais esclarecidos olham o problema de Berlim e das duas Alemanhas. A questão de Berlim é apreciada aqui, pelas pessoas de visão mais ampla, em sua significação ampla. Em Berlim joga-se uma cartada que envolve o problema da paz mundial.

* * *

A visita do sr. Adam Rapacki ao Brasil coincidiu com uma fase nova da luta que duas tendências estão travando em Berlim. Felizmente, nessa fase nova, a correlação de fôrças modificou-se em favor da causa da paz. Esta alteração deve-se às enérgicas medidas do govêrno da República Democrática Alemã, adotadas a partir de 13 de agôsto último, contra os espiões, provocadores, sabotadores e contrabandistas, que procuravam criar, na capital da RDA, um clima favorável aos planos belicistas do govêrno de Bona.

* * *

Ao adotar medidas de segurança em suas próprias fronteiras (ato perfeito de soberania nacional), o govêrno da República Democrática Alemã, através da mobilização dos operários, das demais correntes populares e de suas fôrças armadas, revelou um vigor que os belicistas de Bona, ao que parece, ignoravam. Notícias pouco difundidas no Brasil, pois os telegramas de fonte imperialista não informam e sim desinformam sôbre o que se passa na Alemanha, dão conta de que o próprio Adenauer viu-se forçado a reconhecer o profundo sentido do apoio que os trabalhadores alemães deram ao enérgico apêlo de Walter Ulbricht. Também como resultado das medidas adotadas a 13 de agôsto aprofundou-se o desentendimento entre as potências da NATO sôbre a questão de Berlim. Tentando aplainar tais questões internas é que Adenauer marcou sua viagem a Washington.

* * *

Um melhor esclarecimento dos fatos de Berlim contribuiria para que se aperfeiçoasse a compreensão do problema alemão, compreensão a que se referiu o chanceler Rapacki, depois de visitar o Brasil.

Nota Econômica

Josué Almeida

Competição capitalista para comerciar com a URSS

Com grande freqüência, têm aparecido ùltimamente nos jornais notícias sôbre um suposto «dumping» que a União Soviética estaria fazendo no mercado mundial de petróleo. Antes de tudo, é preciso não perder de vista a origem viciada de tais informações, conhecido que é o veículo entre as nações, conhecido que é o vínculo entre as leo. A «Standard Oil», por exemplo, é proprietária da «United Press-International». Em segundo lugar, o fato de que a URSS venda óleo cru a preços mais baixos em alguns mercados estrangeiros não significa que esteja fazendo «dumping»; quando muito, pode significar que esteja vendendo a preços mais próximos ao custo da produção, que é mais baixo no Estado socialista. Os preços vigentes no mercado capitalista são preços de monopólio, e, por isso mesmo, contêm uma forte margem de exploração não apenas contra os compradores, como contra os próprios países de onde o petróleo é extraído. Por último, convém não esquecer que a perspectiva de óleo a baixos preços no mercado internacional, não pode atemorizar os países que fazem grandes compras de petróleo, como é o caso do Brasil.

Entretanto, a gritaria que se está fazendo em tôrno dessas vendas soviéticas, não deve esconder um outro fato que está ocorrendo em nossos dias: a intensificação do comércio soviético, em geral, com os países capitalistas.

Segundo balanço feito em junho último pelo Journal of Commerce, a URSS expandiu consideràvelmente suas compras de fábricas e de maquinaria nos países ocidentais. A maior parte dos pedidos soviéticos foi conquistada pela Europa, mas se observa uma crescente concorrência do Japão. O comércio com a Inglaterra aumenta ràpidamente. Prevê-se que os contratos firmados na feira britânica em Moscou oscilem entre 30 e 50 milhões de libras (respectivamente entre 84 e 140 milhões de dólares). De outra parte, conforme notícia divulgada pela Pravda, a URSS colocou vários pedidos no Japão estimados em 112 milhões de dólares que incluem fábricas completas de celulose e papel, fábricas para produzir equipamentos de refrigeração, maquinaria têxtil, navios petroleiros e três navios mercantes.

A concorrência para obter pedidos soviéticos torna-se gradualmente mais intensa e a lista dos competidores inclui a Alemanha Ocidental, a França, a Grã-Bretanha, a Itália e a Suécia, por ordem de importância, segundo a revista mensal do Banco do Comércio Exterior do México. A mesma publicação dá uma idéia do que está sendo esta competição pelos pedidos soviéticos: «Quando o presidente do grupo Vickers (Grã-Bretanha) anunciou que suas companhias estavam discutindo as condições para a venda de uma fábrica de borracha sintética à URSS, a notícia foi recebida com grande interêsse em Milão, onde o consórcio estatal ENI foi apontado como um rival de perigo para êste «suculento» contrato. Não obstante, agora todos os competidores devem estar perguntando se existe a possibilidade de que a União Soviética inclua o Japão na lista de países com os quais discutirá o pedido».

Finalmente, a notícia dá conta da inquietação que começa a existir por parte dos fabricantes norte-americanos, que tratam de aumentar suas vendas de produtos «não estratégicos» à URSS. A companhia «Romaine Fielding and Associates», de Los Angeles, realizou o que qualifica de venda ímpar em importância a um só cliente interno ou externo. Um total de 623 toneladas de equipamento de lavanderia, no valor de 1,5 milhão de dólares será brevemente embarcado para a União Soviética.

Trazemos êstes fatos ao conhecimento do leitor — que em geral não tem informações sôbre êles — para evidenciar que está em franco incremento o comércio entre os países socialistas e os países capitalistas mais desenvolvidos. Enquanto isto, no Brasil, que tem necessidade premente de exportar e ampliar seus mercados, ainda se ouvem vozes contrárias ou reticenciosas, em relação ao comércio com o Leste, a pretexto de motivos políticos. De fato, ainda uma vez o anticomunismo aparece aqui como biombo para a defesa de interêsses antibrasileiros.

REATAMENTO COM A URSS

BRASÍLIA, 23 (Do Correspondente) — Tem-se como certo nos círculos políticos que, em seu discurso de hoje ante a Câmara, o ministro das Relações Exteriores, sr. San Tiago Dantas, anunciara a troca de notas entre os governos do Brasil e da União Soviética restabelecendo as relações diplomáticas entre os dois países. Embora não se tenha certeza, sabe-se que o Ministério do Exterior pensa em submeter ao Senado o nome do sr. Vasco Leitão da Cunha para a Embaixada brasileira na União Soviética.

O restabelecimento de relações com a URSS é o coroamento de uma luta de muitos anos das fôrças progressistas e democráticas de nosso país.

ANTICOMUNISMO — ARMA IDEOLÓGICA DA REAÇÃO CONTRA AS FÔRÇAS DEMOCRÁTICAS

Marco Antônio Coelho

Qualquer observador constata o incremento da campanha anticomunista após a crise política deflagrada com a renúncia de Jânio Quadros. E a particularidade dessa nova onda reside em que, não obstante conter os ataques já tradicionais aos comunistas, volta-se com fúria inusitada contra vários homens e correntes políticas que se colocam dentro da frente única nacionalista e democrática, visando, de maneira especial, o Presidente da República, o governador Leonel Brizola e os deputados mais conseqüentes da F.P.N. E' interessante assinalar-se que essa campanha é feita de maneira entrelaçada com a ofensiva de calúnias contra a Revolução Cubana.

Quais as motivações essenciais que conduziram as fôrças reacionárias a tal tomada de posição? A resposta a esta indagação nos é dada pelo recente documento intitulado: «Resolução dos comunistas sôbre a crise política e o Govêrno Jango-Tancredo Neves», ao afirmar: «O recrudescimento da campanha anticomunista reflete o desespêro nas fileiras de nossos inimigos, em conseqüência das vitórias já alcançadas no terreno da unidade das fôrças democráticas e antiimperialistas» (1). Sim, a principal razão do desatinamento anticomunista encontra-se no fato de as fôrças democráticas terem saído mais fortalecidas dos acontecimentos de agôsto-setembro, ao impedirem a implantação da ditadura militar e, ainda, porque o processo de unidade e de organização da frente única passou para um nível mais elevado, do que são uma prova os passos iniciais para a estruturação da FLN.

De outro lado, sente-se que o agravamento recente da tensão internacional, e muito especialmente a articulação da nova manobra diplomático-militar contra Cuba, contribui igualmente para o aumento da pressão anticomunista. Outro elemento coadjuvante disso está em que as fôrças obscurantistas começam a perceber os êxitos do movimento comunista brasileiro, que venceu e ultrapassou as sérias dificuldades internas do período de 1956-57.

POSIÇÃO DOS DEMOCRATAS CONTRA O ANTICOMUNISMO

A intensificação da ofensiva anticomunista determina que as fôrças democráticas assumam uma posição mais clara a respeito do anticomunismo, sendo essa definição uma exigência da luta política. Cada dia que passa vê-se que, em geral, os homens e os agrupamentos da frente única vêem que o anticomunismo não é sòmente uma arma contra o movimento comunista, mas que se apresenta como o instrumento predileto das correntes retrógradas e dos agentes do imperialismo no esfôrço para derrotar a frente única democrática e nacionalista.

Um exemplo do que afirmamos encontra-se nas recentes declarações do governador Leonel Brizola, que traduzem, evidentemente, a sua posição a respeito dessa questão: «Não consideramos o comunismo o «bicho papão» com que, por indústria e por embuste, muitos setores conhecidos em nosso País, e em tôda a América Latina, procuram assustar os desprevenidos, criando uma atmosfera de mêdo, com o exclusivo propósito de resguardar os seus privilégios... Não fazemos do anticomunismo uma bandeira porque esta tem sido, inclusive, a bandeira de muitos setôres da classe dominante, justamente a grande responsável pelo que aí está». (2)

Por que o governador dos gaúchos manifesta um pensamento tão correto quando, poucos anos atrás, revelava preconceitos sérios em relação a nós? Isto se dá, acreditamos, pelo motivo de ter vivido em sua própria carne a situação daqueles que são chamados de comunistas por defenderem os trabalhadores e por reivindicarem uma política consentânea com os grandes interêsses nacionais.

Relembramos aqui que as catilinárias do vespertino dos Marinho contra Brizola tomaram vulto após ter êle encampado a subsidiária, de Pôrto Alegre, do truste ianque de eletricidade, e que nos últimos tempos tornou-se o alvo favorito dos ataques do **Estado de São Paulo** por ter se levantado em defesa da Constituição da República, ao exigir a posse de Jango.

AS CONCESSÕES AO ANTICOMUNISMO ABREM CAMINHO PARA A REAÇÃO

Felizmente as correntes mais esclarecidas da frente única começam a sentir que qualquer compromisso com o anticomunismo abre, fatalmente, o caminho para a desagregação do campo das fôrças democráticas.

Dentro dessas correntes muitos já compreenderam que o anticomunismo é usado como chantagem para intimidar os que revelam vontade de ingressar, ou participar mais ativamente, no bom combate contra a reação. Para muitos está claro que não adianta fazer pequenas «concessões» aos anticomunistas, pois êstes, como os chantagistas vulgares, feita a primeira concessão, não largam mais o freguês, exigindo cada vez mais e mais, ou seja a renúncia total a qualquer posição popular. (Na realidade o anticomunismo coloca as coisas nestes têrmos: você é por nós, ou é comunista). Assim sendo, vários democratas pouco se importam hoje de serem qualificados de comunistas, pois a opinião pública sabe como são ridículas as acusações dos dirigentes da «indústria anticomunista». (Não é que os patrões dos Pena Botto, nos E.U.A., já chegaram a dizer que Eisenhower é comunista!)

Aqui é útil chamar a atenção dos leitores para um ensinamento importantíssimo da Revolução Cubana. Um dos maiores méritos de Fidel Castro está em que soube pressentir, nos princípios de 1960, exatamente quando o processo revolucionário se radicalizava, que os imperialistas norte-americanos iriam usar e abusar do anticomunismo como arma para a divisão das fôrças revolucionárias. Vendo o perigo da pregação anticomunista, já então espalhada pelos elementos do clero e alguns da direita do «26 de Julho», Fidel proclamou de forma taxativa: «Os que levantam o anticomunismo traem a Revolução». Eis aí uma lição para muitos que, embora sejam admiradores de Fidel Castro, e desejarem até aplicar no Brasil as lições da Revolução Cubana, mantêm, infelizmente, preconceitos em relação aos comunistas de nossa terra.

Ao indicarmos as conseqüências maléficas do anticomunismo para a unidade das fôrças democráticas, declaramos categòricamente que não desejamos que as outras fôrças aliadas adotem os nossos princípios ideológicos e tôdas as nossas posições políticas. (Acentuamos isto não por «habilidade» ou para sermos «amáveis» com os outros, mas porque temos bem em conta o caráter de classe de nosso movimento e o das demais fôrças políticas). Não queremos que nossos aliados sejam «inocentes úteis» e fazemos uma nítida separação entre os que são aliados e aquela camada que gira em tôrno de nós, e que se coloca na posição de simpatizante de nossa causa. Dizemos, apenas, que pleiteamos das demais fôrças da frente única uma aliança clara na base de objetivos comuns, desejados por todos.

Sabemos que determinadas correntes que marcham, ou podem marchar conosco, têm certas desconfianças em relação ao movimento comunista. E julgamos isso, até certo ponto, uma coisa natural. Isto porque, em primeiro lugar, avaliamos devidamente as conseqüências da intensa propaganda anticomunista, destilada nos jornais, nas estações de rádio e televisão, no cinema, nos púlpitos, etc. Essa propaganda chega a formar uma parcela da opinião pública contra nós, desde que não possuímos meios capazes de contrabalançar essa atividade do inimigo. E não se trata só das calúnias, mas também de uma ação propagandística que veicula informações não corretas sôbre nossa conduta (Exemplo, essa imprensa, que se diz tão objetiva e imparcial, não espalhou agora que os comunistas é que lançaram o movimento «Constituinte com Jango»?). Sendo assim, vemos que, em setôres politicamente mais atrasados, muitos nos olhem como se fôssemos «terríveis sabotadores a serviço de Moscou», como «defensores da «comunização de mulheres», ou como prováveis «violentadores das igrejas e conventos», além de outras sandices.

Mas, é bom que se diga, os erros sectários e oportunistas que cometemos no passado (e que às vêzes afloram ainda aqui, ou acolá, em nosso movimento), colaboram também para que, entre certos círculos, até hoje, perdurem algumas incompreensões sôbre os comunistas. Julgamos, no entanto, que a prática da aplicação de nossa linha política está paulatinamente permitindo que as coisas sejam elucidadas.

NOSSA MISSÃO COMO FÔRÇA DE VANGUARDA

Não podemos ficar indiferentes ante a onda anticomunista que cria problemas à unidade das fôrças democráticas, além de trazer outros malefícios. Cabe aos comunistas a grande missão — e isto só nós podemos fazer com clareza e segurança — de infatigàvelmente esclarecer às outras fôrças da frente única e significado e os objetivos da campanha anticomunista. Será um grave êrro permitirmos que falsidades a nosso respeito grassem entre os aliados, ou que preconceitos anticomunistas proliferem dentro da frente única. Se necessário, não há porque não criticar abertamente os aliados portadores dêsses preconceitos, desde que isso se realize com a nítida compreensão de que uma coisa é a crítica a um homem ou a uma corrente da frente única, e outra coisa muito distinta, é o desmascaramento radical e completo do anticomunismo do inimigo ou de seus agentes. Essas controvérsias dentro da frente única são, inclusive, saldadas por nós como algo de muito positivo, pois que, afinal de contas, permitem o esclarecimento de nossas posições e conduta.

Tratamento muito diverso devemos dar à denúncia implacável dos órgãos, e de todos os instrumentos que o inimigo lança mão para destilar o anticomunismo. E' preciso mostrar sempre ao povo que, as calúnias e as mentiras anti-soviéticas e contra nós, partem ali do palacete envidraçado da embaixada ianque. E' ela que dá os elementos e os recursos financeiros para a imunda campanha de que participam desde o governador da Guanabara até os Don Vicente Sherer e êsse cardeal do Rio de Janeiro, porta-voz não do pensamento católico brasileiro, mas sim dos grupos reacionários da CONCLAP, da Embaixada de Salazar e dos ridículos remanescentes do fascismo indígena.

Nesse trabalho de esclarecimento é forçoso avivar a memória com certas verdades indiscutíveis, como a de que a aglutinação dos países do eixo Roma-Berlim-Tóquio (que conduziu à deflagração da segunda guerra mundial), teve como desculpa principal o Pacto Antikomintern. Outra verdade também irrefutável: a ditadura estadonovista para nascer e firmar-se justificou-se com a famosa infâmia do Plano Cohen. Aí estão dois fatos, dois exemplos, dos resultados da histeria anticomunista.

Temos argumentos de sobra para desmantelar totalmente o anticomunismo, parta de quem partir. Ao senhor Carlos Lacerda, quando, dos estúdios de televisão investe contra o movimento comunista, respondemos que suas invectivas são uma simples repetição enfadonha de conceitos lançados, há muito tempo, por um autêntico representante da «democracia» norte-americana, que dizia: «O bolchevismo golpeia em nossas portas. Não podemos permitir que entre... Devemos guardar nossa América intacta, salvá-la da destruição. Devemos proteger os operários contra a literatura vermelha, contra as armadilhas vermelhas; devemos fazer tudo para que seu espírito permaneça sadio.» (3) Êsse lúcido representante do modo de vida norte-americano não era da Universidade de Harvard, nem do Departamento de Estado como se pode pensar. Mas, não deixava de ser arguto. Lá pelos idos de 1920 ganhou grande notoriedade em Chicago e arredores. Chamava-se Al Capone.

NA HORA DECISIVA, NOSSO POVO REPUDIOU O ANTICOMUNISMO

Estamos já distantes do clima de 37, quando o anticomunismo embaiava a Nação, levando-a a aceitar passivamente a ditadura. Esta apreciação que fazemos tornou-se ainda mais evidente após a crise política de agôsto-setembro, quando o marechal Denys colocou o País diante do falso dilema: comunismo ou democracia», sabendo-se que essa sua «democracia», naturalmente cristã e ocidental, era pura e simplesmente a ditadura militar. A consciência nacional rejeitou a esfarrapada acusação dos ministros militares, obrigando os Denys e Cia. a voltarem aos seus afazeres domésticos. Obteve-se, assim, grande vitória na defesa da legalidade democrática, mas também alcançou-se um triunfo sôbre o anticomunismo, numa demonstração concreta do avanço político de nossa gente.

A indústria do anticomunismo já não dá mais fàcilmente rendosos resultados. Esta conclusão indica-nos, pois, que, se houver um melhor trabalho de esclarecimento a respeito do perigo do anticomunismo, para a unidade das fôrças democráticas êxitos mais duradouros e profundos serão alcançados no largo caminho da aglutinação e organização das fôrças democráticas e antiimperialistas do Brasil.

———

1 — NOVOS RUMOS, nº 143;
2 — «Estado de São Paulo», de 11-1-1961.
3 — apud «Fascisme et Revolution», de Palme Dutt.

A Propósito do I Congresso Dos Lavradores

Giocondo Dias

A realização do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas e as suas resoluções demonstram na prática que a luta das massas populares pelos seus interêsses específicos e os interêsses gerais da Nação atua como fôrça impulsionadora do desenvolvimento social e econômico.

Agora os trabalhadores agrícolas e os camponeses, procedendo como a classe operária e demais trabalhadores das cidades, quando da realização de seus encontros e congressos, apresentam também soluções para os problemas econômicos, políticos e sociais, colocam de modo concreto e viável a solução do problema da terra no momento atual, em contraposição ùnicamente aos interêsses da minoria de latifundiários reacionários e das soluções hipócritas contidas nos diversos projetos e supostas medidas de reforma agrária até agora encaminhadas ao Parlamento ou postas em prática.

A realização do Congresso Nacional dos Lavradores é um passo importante para a aglutinação de tôdas aquelas fôrças que lutam por uma solução para o problema da terra no Brasil e na organização das grandes massas que vivem no campo. Podemos dizer que é o início de uma nova fase, em nível mais elevado, das lutas de todo o povo brasileiro pela reforma agrária radical, especialmente dos camponeses que, de modo organizado, propõem às fôrças interessadas no progresso da Nação e ao Parlamento Nacional a solução capaz de melhorar as condições de vida das massas populares e impulsionar o progresso do país.

O Congresso Nacional dos Lavradores mostrou as perspectivas reais para a conquista das reivindicações e indicou o caminho mais viável para a conquista de uma reforma agrária radical. Um dos aspectos principais dêsse acontecimento e que deve ser levado em conta, é que nos dias atuais a ação das massas organizadas já atua como fôrça ponderável no impulsionamento e ordenação do processo político, social e econômico.

Inúmeros são os políticos, industriais, comerciantes, padres e bispos que falam e às vêzes pregam a reforma agrária, a revisão agrária, etc. Na sua maioria, apresentam soluções que visam adiar a verdadeira solução, que é a liquidação da propriedade latifundiária. Outros, como o presidente da República, afirmam publicamente, quando do seu discurso no encerramento do Congresso Nacional dos Lavradores, "... que a Reforma Agrária é uma das reformas que o país reclama, para dar plena expansão às suas fôrças produtivas."

Não sabemos se estas palavras têm sentido de apêlo às "chamadas elites econômicas", como diz o "Correio da Manhã", ou de advertência a respeito da impossibilidade que se apresenta às referidas elites e ao seu govêrno de continuar a sustentar pela fôrça, pelas manobras ou pelo engôdo, uma situação que prejudica a maioria esmagadora da Nação e que beneficia, principalmente, o que há de mais atrasado e retrógrado em nosso país.

Seja qual fôr, porém, o sentido das palavras do presidente da República elas indicam que os tempos são outros, que vivemos e lutamos num momento em que as massas populares estão deixando a posição de passividade e expectativa, e começam a compreender que já possuem fôrça e condições para influenciar na solução das questões de seu interêsse específico mas, também, daqueles problemas que aparentemente só afetam os interêsses das "elites econômicas".

As massas do campo começam a sentir a necessidade de se unirem e organizarem, e o Congresso Nacional dos Lavradores é um exemplo frisante dêsse sentimento. Com isso se amplia a base de massa da frente única de libertação nacional. O Congresso e as suas resoluções comprovam, na prática, as grandes possibilidades que existem para uma ação unida e organizada das fôrças patrióticas e democráticas. Foi erguida com mais vigor pelos representantes das massas populares, principalmente dos camponeses, a bandeira de luta pela reforma agrária radical. Foram propostas medidas práticas e concretas, a solução para o problema da terra — solução capaz de incrementar o progresso do Brasil e resolver os problemas mais urgentes e imediatos da grande maioria da população, principalmente das grandes massas que vivem no campo. De modo organizado, foi apontado o caminho constitucional, o da reforma da Constituição num sentido democrático, objetivando, fundamentalmente, a eliminação dos dispositivos que dificultam a solução do problema da terra, além de outros problemas básicos, de acôrdo com os interêsses da maioria da Nação.

A bandeira da luta foi desfraldada de modo mais enérgico e decidido, medidas concretas foram sugeridas, caminhos foram apontados. Homens e mulheres de todos os recantos de nossa terra, intelectuais, operários e camponeses, reunidos em seu grandioso Congresso, propuseram aos senhores deputados e senadores — que em pronunciamentos, discursos e entrevistas falam na necessidade da Reforma Agrária e outras medidas de caráter progressista — a passarem à ação, e já que "a faca e o queijo estão em suas mãos", reformem a Constituição, não se obstinem em ficar contra os interêsses nacionais, pois essa atitude levará as massas populares a realizarem por outros meios ao seu alcance a reforma agrária radical e as outras medidas necessárias para o progresso do país, apesar dos senhores parlamentares e sem a sua cooperação.

Quanto a nós, comunistas, cabe-nos a tarefa de ajudar a dar forma e justo conteúdo ao movimento das massas populares, atendo-nos sempre à realidade, evitando que o subjetivismo domine o nosso pensamento e ação, tudo fazendo para transformar em realidade, sem esquematismo, as possibilidades que têm as fôrças do progresso, quando unidas e organizadas de realizar modificações no terreno político, social e econômico.

Devemos compreender, no entanto, as referidas modificações como elementos do processo de acumulação de fôrças, como um passo para mudanças na correlação das fôrças em presença, objetivando sempre fazer com que as massas influenciem, pela pressão de suas lutas, nas decisões dos podêres constituídos e como um dos meios prováveis para sua participação no Poder, o qual não deve continuar por mais tempo como monopólio de uma minoria de privilegiados, que se tem mostrado incapaz e tudo tem feito para defender uma política contrária ao bem-estar do povo e ao progresso do país.

Tanto o Executivo como o Legislativo, em sua esmagadora maioria, desatualizados e superados, tem uma preocupação central na hora presente, que é ganhar tempo, para conservar o que aí está, falar em reforma agrária, em regulamentar as remessas dos lucros para o exterior e, na prática, aplicar a política financeira do Fundo Monetário Internacional e procurar aprovar de surprêsa e a "toque de caixa", aceleradamente, medidas contra o povo. É o que tenta fazer, neste momento, o atual Conselho de Ministros, querendo impor, a título de "reforma tributária" o mais brutal aumento de impostos já levado à prática em nossa terra, descarregando mais uma vez nas costas do povo o pêso das dificuldades originadas pela exploração imperialista e a sobrevivência dos restos feudais, principalmente da propriedade latifundiária, e agravadas por uma política que na essência serve aos seus interêsses.

Os comunistas, como vanguarda dos trabalhadores, como fôrça essencialmente unitária, tudo farão para para que as massas populares percorram o caminho menos doloroso. Estamos certos de que as massas têm a possibilidade de impor essa alternativa, se intensificarmos a mobilização das fôrças populares e progressistas, se não medirmos esforços para uni-las no combate organizado à política de compromissos do atual govêrno com o imperialismo e a reação e para a conquista de um govêrno representativo das fôrças nacionalistas e democráticas, para que pressionem o Parlamento Nacional e utilizem tôdas as formas de lutas de massas. Nesta luta os comunistas procurarão sempre, com o objetivo de esclarecer e unir as fôrças do progresso, principalmente as massas populares, pôr a descoberto as contradições da sociedade brasileira, explicar a sua essência e propor e apoiar soluções como a que agora acaba de apresentar o I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas.

Temos confiança no êxito da luta em que sempre estivemos empenhados, juntamente com as outras fôrças da frente única de libertação nacional. Sabemos que as possibilidades são imensas. Mas estamos convencidos de que as massas só vencerão na medida em que compreendermos que soluções como a reforma agrária radical e outras necessárias à completa emancipação nacional, como a própria reforma da Constituição, não se tornarão realidade por si próprias, pois dependem fundamentalmente dos esforços de milhões de pessoas, da fôrça das suas lutas e da aplicação acertada de nossa linha política.

NOVOS RUMOS

Diretor
Mário Alves

Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnior

Redator Chefe
Fragmon Borges

Gerente
Guttemberg Cavalcanti

Redação: Av. Rio Branco 257, 17º andar S/1712 — Tel: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco 257, 9º andar S/905

SUCURSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228, 8º andar — S/827
Tel. 35-0453

Endereço telegráfico: «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS

Anual	Cr$ 500,00
Semestral	» 250,00
Trimestral	» 130,00
Número avulso ..	» 10,00
Número atrasado	» 15,00

ASSINATURA AÉREA:

Anual	Cr$ 1 800,00
Semestral	Cr$ 900,00
Trimestral	Cr$ 500,00
mais	» 50,00

LÍCIO HAUER: EUA FAZEM DA ALEMANHA UM FOCO DE GUERRA NA EUROPA

BRASÍLIA (do Correspondente) — O deputado Lício Hauer (PTB da Guanabara) pronunciou um importante discurso acêrca da situação internacional, advertindo o Parlamento, o Govêrno e o povo brasileiros para a necessidade de intensificar o seu esfôrço em defesa da paz mundial.

Referiu-se inicialmente às experiências termonucleares pela União Soviética, particularmente a bomba de 50 megatons, esclarecendo que, embora tendo-se de lamentar êsse fato, a URSS vira-se obrigada a voltar aos testes atômicos em face da intensificação dos preparativos bélicos por parte das potências ocidentais, que põem em risco sèriamente a paz no mundo.

Deteve-se, em especial, na análise do problema em tôrno da Alemanha e de Berlim. «Nunca disse o deputado Lício Hauer — o perigo de uma nova guerra se apresentou de forma tão grave. Simplesmente porque a União Soviética, para dar à República Democrática Alemã melhores possibilidades de desenvolvimento pacífico, livre do tumor canceroso que para a mesma representa a insustentável situação de Berlim, decidiu renovar propostas de paz para resolver em definitivo a questão alemã, os dirigentes ocidentais criaram um clima de tensão pré-guerreiro entre as grandes potências e estão agindo ainda e cada vez mais no sentido de agravá-lo». Menciona uma série de fatos que provam a histeria guerreira que se apossou dos dirigentes norte-americanos e continua:

AS PROPOSTAS SOVIÉTICAS

«Por que, Sr. Presidente e Srs. Deputados, se criou tal situação? Por acaso a União Soviética fêz ameaças aos países ocidentais quando propôs, com argumentos razoáveis, uma regulamentação coletiva — note-se **coletiva** — da questão alemã e o reconhecimento de fato e de direito da existência, nas condi-

(Conclui na 7ª pág.)

Fim do Romance de Gagárin

Com o capítulo de hoje, concluímos a publicação da autobiografia do primeiro cosmonauta do mundo, o soviético Iuri Gagárin, iniciada em NR n.º 120, de junho de 1961. O relato profundamente humano da vida e do feito heróico do pioneiro desbravador do Cosmos despertou grande interêsse entre os leitores de NR. Aos que colecionaram o romance de Gagárin avisamos que, caso lhes falte algum exemplar do nosso jornal, pode procurá-lo em nossa administração: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, sala 905.

Teoria e Prática

Apolônio de Carvalho

As teorias burguesas sôbre a luta de classes

Os ideólogos burgueses afirmam que as classes médias crescem em volume e em significação econômica e social; que o proletariado e a burguesia reduzem seus efetivos e tendem a nivelar-se, entre as camadas médias; e que assim, os antagonismos de classe tendem, por sua vez, a desaparecer.

A vida desmente, inteiramente, essas teorias.

Marx e Engels definiam as classes médias de forma precisa, em função dos dois polos da sociedade capitalista: como setores de transição, colocados entre o proletariado e a burguesia, — mas que não vivem de salários e possuem certos meios de produção. Os ideólogos burgueses dão às classes médias uma esfera arbitrária, elástica e heterogênea. E incluem ali empregados e funcionários, o conjunto dos técnicos e especialistas, os trabalhadores de escritórios, os intelectuais assalariados e privados de meios de produção.

Sem dúvida, o crescimento das classes médias é inevitável, como decorrência do próprio desenvolvimento da produção: novos apêndices das emprêsas e novas exigências da indústria, a multiplicação das sociedades por ações e da esfera dos serviços, a militarização da economia, etc. Entretanto, a realidade nos mostra — simultâneamente e em medida consideràvelmente maior — a instabilidade e a proletarização acelerada dêsses setores intermediários. É assim que, na Inglaterra, os artesãos constituem apenas 5% da população ativa. Nos Estados Unidos, seu pêso específico, no conjunto da população trabalhadora, reduziu-se de metade, em quase um século: de 11,4%, em 1870 a 6%, atualmente. Na Suécia, no Canadá, na República Federal Alemã (R. F. A.), sua parte no conjunto das emprêsas produtoras não vai além de 10%. Seu papel econômico é ainda infinitamente menor, pois cada vez mais estão subordinados ao grande capital. O mesmo pode-se dizer do pequeno comércio, de mãos atadas às grandes emprêsas, e da pequena produção rural: na R. F. A., 200.000 economias camponesas arruinaram-se, entre 1949 e 1958; na França, entre 1947 e 1952, 800.000 hectares de terras passaram dos pequenos para os grandes proprietários.

Ao mesmo tempo, cresce, continuamente, o volume e o pêso específico da classe operária. Nos Estados Unidos, ela passou de 72% da população ativa, em 1940, a 89%, em 1956. Na Inglaterra, os assalariados constituem 90%. Os que vivem de salários são 80% da população trabalhadora, na Austrália e no Canadá; 77,7% na Suécia; mais de 70% na República Federal Alemã, na Argentina e no Chile; 64% na França, 56% na Itália, mais de 50% no México e no Brasil. O número de assalariados da indústria, dos transportes e das comunicações passou, de 1937 a 1955, de 7,5 a 11 milhões, na R. F. A., de 5,5 a 6 milhões, na França; de 16 a 24 milhões, nos Estados Unidos. No Brasil, os operários industriais eram, em 1920, apenas 275 000. Hoje, abrangem 3 milhões, nos centros urbanos, além de 4,5 milhões de assalariados rurais. Por outro lado, a grande massa da intelectualidade é constituída de assalariados: é o caso de 84% dos trabalhadores intelectuais, nos Estados Unidos, de 88% na Inglaterra, de mais de 90% no Brasil. O papel dos técnicos, no processo produtivo, aumentou, sem dúvida. São, porém, em sua imensa maioria, assalariados explorados, cujos interêsses coincidem, objetivamente, com os interêsses do proletariado das emprêsas. O mesmo pode-se afirmar do crescimento do funcionalismo — ressalvado seu setor parasitário, que cresce também com a inchação do aparelho de Estado: com o clero e a polícia, nos aparelhos de espionagem e guerra fria, com a militarização da economia nacional, etc. Finalmente, a propriedade capitalista — e, com ela, a burguesia, como classe — não desaparece, mas concentra seus meios e seu poder sôbre a economia e sôbre o Estado. Nos Estados Unidos, 1% da população é dona de 60% da riqueza nacional, enquanto 87% da população não tem sequer 8% daquelas riquezas. No Brasil, já há 10 anos atrás, 5% da população abocanhavam 55% da renda nacional.

Como se vê, o "nivelamento social" é, cada vez mais, um mito. E o sistema capitalista continua a caracterizar-se, mais que nunca, por suas contradições insolúveis, nacionais e de classes, pelo contraste e a distância crescente entre os seus dois pólos — o da riqueza e o da miséria e pelo caráter inevitável das revoluções socialistas e nacionais.

NR ROMANCE

Iuri Gagárin

MINHA VIDA E MEU VÔO AO COSMO

Tradução de Rui FACÓ
Ilustrações de MAX

179

Às 10 horas e 55 minutos o "Vostok", depois de ter circundado o globo terrestre, aterrissou com êxito na zona prevista, na área cultivada do colcós "Caminho de Lênin", a sudoeste da cidade de Engels, próximo à aldeia de Smielovk. E aconteceu como nos bons romances: meu regresso do Cosmos ocorreu no mesmo lugar onde nos primeiros anos de minha vida voei num avião. Quanto tempo transcorrera desde então? Apenas seis anos. Mas, como as proporções tinham mudado! Hoje, eu havia voado duzentas vêzes mais rápido e duzentas vêzes mais alto. Duzentas vêzes haviam crescido as asas soviéticas.

Ao pisar em terra firme, avistei uma mulher e uma menina, junto a um bezerro malhado, que me olhavam curiosas. Andei em direção a elas. Elas vinham ao meu encontro. Mas, quanto mais próximo se achavam, seus passos se tornavam mais vagarosos. Eu ainda envergava o meu escafandro alaranjado, e certamente as intimidara meu aspecto invulgar. Elas jamais tinham visto coisa semelhante.

— Sou dos vossos, camaradas, sou dos vossos — gritei eu, retirando o capacete hermético.

Era a mulher de um guarda-floresta, Anna Akimovna Takhtárova e uma sua neta, Rita, de seis anos de idade.

— Por acaso você vem do Cosmos? perguntou ela absolutamente incrédula.

— Imagine só, sim, respondi.

— Iuri Gagárin! Iuri Gagárin! — gritavam, correndo ao meu encontro, os especialistas em trabalhos mecânicos do campo.

Foram as primeiras pessoas que eu encontrei na Terra depois do vôo, homens simples soviéticos, trabalhadores do campo colcosiano. Abraçamo-nos e beijamo-nos, como compatriotas.

Imediatamente chegou um grupo de soldados e oficiais que tinham vindo em caminhão, pela estrada. Abraçaram-me, apertaram-me as mãos. Um dêles me tratava por major. Eu nada perguntava, compreendendo que o ministro da Defesa, marechal da

180

União Soviética Rodion Iákovlevitch Malinovski, me havia concedido um título especial, através de uma promoção a grau superior. Eu não o esperava, e fiquei confundido. Formamos um numeroso grupo e alguém que havia trazido máquina fêz a fotografia. Era a primeira foto após o vôo.

Os camaradas militares me ajudaram a retirar o escafandro, e eu fiquei apenas com um macacão azul. Alguém me ofereceu o seu capote, mas eu recusei — pois o macacão era confortável e leve. O soldado mostrava grande interêsse pela nave cósmica, que se encontrava no meio do campo lavrado, a algumas dezenas de metros de um profundo barranco onde rumorejavam as águas da primavera. A nave e sua instalação interna estavam em perfeitas condições; podiam ser utilizadas para um nôvo vôo cósmico. Um sentimento de grande felicidade me invadia. Sentia-me feliz por ter sido a União Soviética a primeira a realizar o vôo do homem ao Cosmos, convicto de que a ciência de meu país continuaria avançando ainda mais.

Os soldados montavam guarda junto à nave cósmica. Acima de nossas cabeças voava um helicóptero trazendo especialistas do grupo de recepção e comissários do esporte, que deveriam registrar o recorde de vôo ao Cosmos. Êles ficavam junto ao "Vostok", enquanto eu me dirigia para a sede do comando dêsse grupo a fim de comunicar tudo a Moscou.

Ao encontrar-me com os camaradas que aguardavam meu regresso, soube que havia um telegrama para mim enviado por Nikita Serguéievitch Kruschiov. O Primeiro Secretário do Comitê Central do Partido me saudava pela realização do raide cósmico. Após alguns momentos fizeram-me uma ligação pelo telefone com o camarada Kruschiov, que se encontrava em Sotch, no Mar Negro. Ouvi-lhe a voz querida e tão conhecida. Foi êste um grande minuto em minha existência, quando mantivemos uma palestra cordial.

181

— Sinto prazer em falar-lhe, Iuri Alexéievitch — disse Nikita Serguéievitch.

Em resposta à minha informação sôbre a realização com êxito do primeiro vôo do homem ao Cosmos, Nikita Serguéievitch cumprimentou-me, interessou-se pela minha saúde, perguntou-me se eu tinha espôsa e filhos, pai e mãe vivos, onde moravam, como se chamavam. Ao despedirmo-nos, disse Nikita Serguéievitch:

— Mais uma vez, de todo o coração eu o parabenizo. Até breve, em Moscou. Desejo-lhe felicidades.

Nestas arrebatadoras primeiras horas depois da volta à Terra, tiveram lugar muitos encontros alegres com amigos e desconhecidos. Todos me eram próximos e queridos. Particularmente emocionante foi meu encontro com o Cosmonauta Dois, que, juntamente com outros camaradas, voara num jato do cosmodromo até a zona da aterrissagem. Abraçamo-nos calorosamente.

— Estás contente? perguntou-me êle.

— Muitíssimo — respondi; tu ficarás igualmente contente da próxima vez...

E dirigimo-nos todos para a margem do Volga, onde ficava uma estalagem. Aí tomei uma ducha, almocei e jantei ao mesmo tempo — desta vez à moda da Terra, com bom apetite terrestre. Depois de um pequeno passeio ao longo do Volga, joguei bilhar com o Cosmonauta Dois e, para terminar êsse admirável dia em minha vida, o dia 12 de abril de 1961, deitei-me e, passados poucos minutos, dormia como um anjo, como à véspera do vôo.

X X X

Minha primeira manhã depois do regresso do Cosmos iniciou-se, como sempre, com a prática de exercícios físicos. Habituado à ginástica matutina, ela se me tornara uma necessidade e por nada deixaria de fazê-la. E mais necessária ainda se tornava hoje, pois tinha diante de mim um grande dia,

182

grandes conversações, grandes encontros.

Às 10 horas da manhã, na estalagem à beira do rio Volga reuniam-se cientistas e especialistas que haviam equipado o "Vostok" para o primeiro vôo em tôrno da Terra. Foi para mim uma alegria ver entre êles o Construtor-chefe. Êle sorria e seu rosto era mais jovem. Agora, depois que o homem se elevara ao Cosmos e rodeara o planeta, regressando à casa, tudo, por fim, estava em plena ordem. O Construtor-chefe abraçou-me e nos beijamos.

Fiz para os que estavam ali reunidos o primeiro relato do funcionamento de todos os sistemas técnicos da nave durante o vôo, falei sôbre tudo quanto vira e experimentara além da atmosfera terrestre. Escutavam-me atentamente. Eu, entusiasmado, falei por longo tempo. As impressões eram tantas e tôdas elas tão inéditas que eu queria imediatamente transmiti-las aos outros. Tentava não esquecer nada. A julgar pela fisionomia dos presentes, o meu relato lhes interessava. Depois se iniciaram as perguntas. A cada uma delas eu tentava responder com a maior precisão, compreendendo quanto isto era importante para os ulteriores trabalhos de desvendamento do Cosmos.

De Moscou, veio buscar-me um avião especial IL-18. No vôo para a capital de minha Pátria foi organizada uma escolta de honra de aviões de caça. Eram os belos MIG em que eu voara outrora. Êles se aproximavam tanto do aparelho em que eu viajava que podia ver perfeitamente o rosto do aviador. Êles riam de satisfação, e eu igualmente. Olhei para baixo e espantei-me. As ruas de Moscou estavam repletas de gente. De todos os recantos da capital movimentavam-se verdadeiros rios humanos, sôbre os quais, como velas, flutuavam bandeiras, confluindo para o Krêmlin.

O avião passou baixinho sôbre as ruas centrais da cidade e dirigiu-se para o aeródromo de Vnúkovo. Aí havia também uma grande massa de gente. Tinham-me comunicado que no aeródromo se encontravam membros do Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética e o chefe do

183

govêrno soviético, Nikita Serguéievitch Kruschiov.

Na hora prevista o IL-18 aterrissou e dirigiu-se para o edifício central do aeroporto. Eu tinha vestido o capote festivo de oficial com as novas insígnias de major, como de hábito reparei o seu reflexo na vidraça do avião e quando o aparelho parou abriu-se a porta e eu desci a escada. Ainda de bordo, eu avistara a um lado a tribuna, cheia de gente e cercada de uma montanha de flôres. Do avião até ela estava estendida uma passadeira de côr vermelho-clara.

Devia seguir por ela, e seguir sòzinho. E eu fui. Nunca em minha vida, nem mesmo na nave cósmica, eu me emocionara como nesse minuto. Parecia um caminho sem fim. E quando finalmente eu o encetei foi que voltei a mim e consegui controlar-me. Sob a objetiva das câmaras da televisão, do cinema e dos aparelhos fotográficos, continuei andando. Sabia que era alvo de todos os olhares.

Ao som da orquestra, que executava uma velha marcha da aviação, ando ainda cinco, dez, quinze passos, reconheço as fisionomias dos membros do Presidium do Comitê Central, vejo meu pai, minha mãe, Vália, encontro os olhos de meus parentes, o olhar animador de Nikita Serguéievitch Kruschiov. Dirijo-me a êle e, em continência, digo-lhe:

— Camarada Primeiro Secretário do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, Presidente do Conselho de Ministros da URSS! Tenho o prazer de informar-lhe que a incumbência do Comitê Central do Partido e do Govêrno foi cumprida. .

Como na primavera, exalam as flôres seu perfume. No silêncio que se faz não reconheço a minha própria voz, que se tornara mais forte. Em tôrno de mim, entre os muitos que me são caros, só vejo Nikita Serguéievitch e percebo a gama de sentimentos que lhe despertam minhas palavras.

— A 12 de abril, pela primeira vez na história da humanidade, a nave cósmica soviética "Vostok" realizou um vôo com sucesso — acrescento, e me parece que Nikita Serguéievitch me ouve com seu nobre coração.

184

— Todos os instrumentos e instalações da nave funcionaram com precisão absoluta. Sinto-me perfeitamente bem. Estou pronto a cumprir qualquer nova tarefa de nosso Partido e do Govêrno ... Fiz uma pausa e apresentei-me: Major Gagárin.

Nikita Serguéievitch tirou o chapéu, abraçou-me fortemente e, conforme o velho hábito russo, beijou-me três vêzes.

— Cumprimento-o! Cumprimento-o! disse êle, e eu senti como estava emocionado.

Nikita Serguéievitch apresentou-me aos membros do Presidium do CC do PCUS e, depois, conduziu-me até onde estavam meus pai, Vália e meus irmãos.

O tempo era primaveril, quente e agradável. O corso dos automóveis do Govêrno saiu do aerodromo de Vnúkovo em direção a Moscou, para a Praça Vermelha. Eu fiquei num automóvel aberto, ao lado de Nikita Serguéievitch. À margem de tôda a estrada aglomerava-se gente, saudando os dirigentes do Partido e do Govêrno, saudando a inédita conquista de nossa ciência e técnica. Na fachada dos edifícios tremulavam bandeiras vermelhas, viam-se faixas e cartazes. As pessoas agitavam galhardetes e buquês de flôres. Tocavam orquestras. Adultos carregavam crianças em seus ombros.

Certamente, nenhum outro homem no mundo experimentou o que eu experimentei nesse dia festivo. E ali estava ela, a nossa Praça Vermelha, na qual havia bem pouco, antes do vôo, eu estivera diante do Mausoléu. Trabalhadores de Moscou a enchiam de um extremo a outro. Andando àgilmente à frente, Nikita Serguéievitch conduziu-me à tribuna de granito do Mausoléu. Êle percebeu que eu estava confundido e esforçava-se por que eu não sentisse qualquer inibição ou acanhamento.

O comício foi aberto por um membro do Presidium do CC do PCUS, o secretário do Comitê Central, Frol Románovitch Koslov, que logo a seguir me deu a palavra. Eu sentia a respiração suspensa: basta dizer que tudo o que se passava na Praça Vermelha era ouvido não só em nosso país, como pela primeira

185

vez estava sendo transmitido pela televisão para tôda a Europa, enquanto o rádio funcionava para todo o mundo.

Meu discurso foi breve. Agradeci ao Partido e ao Govêrno, agradeci aos nossos sábios, engenheiros, técnicos, operários que haviam construído uma nave na qual se podia confiantemente desvendar os mistérios do espaço cósmico. Ao externar a convicção de que todos os meus amigos, aviadores cosmonautas, também estavam prontos para a qualquer momento efetuar vôos em tôrno da Terra, terminei com estas palavras:

— Glória ao Partido Comunista da União Soviética e a seu Comitê Central leninista encabeçado por Nikita Serguéievitch Kruschiov!

Êste viva foi repetido por tôda a Praça.

A seguir, saudado por uma calorosa ovação popular, discursou Nikita Serguéievitch Kruschiov. Seu discurso estava penetrado da profunda confiança nas poderosas fôrças criadoras dos soviéticos, na vitória do trabalho e da ciência sôbre as fôrças bélicas destruidoras. Quando Nikita Serguéievitch comunicou que me havia sido concedida a elevada condecoração de Herói da União Soviética e a primeira insígnia de aviador-cosmonauta da URSS, eu me comovi da cabeça aos pés. Pois tôda a nossa geração de jovens que se tornaram adultos depois da guerra, desde a infância alimentava um grande respeito pelas condecorações da Pátria. A União Soviética é um país de heroísmo em massa. Nosso povo considera com justeza a Estrêla de Ouro como um símbolo da intrepidez e da ilimitada dedicação à causa do comunismo. Cada ano aparecem novos nomes na constelação dos heróis. Entre os seus, o povo soviético inscreveu meu nome. Como poderia deixar de alegrar-me e confundir-me?

— Orgulhamo-nos de ter sido o primeiro cosmonauta do mundo um soviético — disse Nikita Serguéievitch —, um comunista, membro do Partido de Lênin.

— F I M —

A Juventude Eterna de Picasso

Georges Tabaraud

«Isso só acontece comigo», pilheria Picasso quando alguém lembra junto dêle seu próximo aniversário, o octagésimo. Diz isso com um ar meio triste e meio brincalhão.

Meio triste: «Sabe, não tem graça nenhuma, você verá quando chegar a sua vez.»

Meio brincalhão: «Porque isso não é verdade» — o cartório de Málaga pode dizer o que quiser, que êle não tem 80 anos.

Há três semaans atrás êle se banhava em Cannes com seu filho Claude e sua espôsa Jacqueline. O corpo bronzeado, sólido, em movimento incessante, o olhar atento quando Claude desaparecia ao largo sôbre seus esquis aquáticos, sensível ao menor detalhe, em plena forma.

A verdade é que nenhum outro pintor conheceu nada parecido com essa «aventura Picasso».

Esta semana, o mundo inteiro vai falar dêle. Vão ser inauguradas, simultâneamente em dez países diferentes exposições dedicadas à pintura. Na Inglaterra, na Suiça e na Espanha estão anunciadas edições de novos livros. Em Nova York será aberta uma «boutique» de arte exclusiva, mente destinada à venda de suas obras. Em Barcelona apressa-se a conclusão de um museu a Picasso.

Em Vallauris, a prefeitura vai consagrar dois dias inteiros à homenagem que quer render a seu cidadão de honra. Na prisão de Burgos os delitos republicanos preparam uma grande conferência.

Desde agora as mensagens de felicitações já chegam a Cannes.

Até hoje, o aniversário de um pintor era antes de tudo questão de um pequeno círculo, por mais importante que êle fôsse. Desta vez a homenagem se estenderá a cidades inteiras, a dezenas e dezenas de milhões de homens.

A «aventura Picasso» é em primeiro lugar isso. Como um pintor considerado difícil, criador de formas artísticas novas, inimigo de qualquer concessão, confundido pelo hábito de ver coisas, como por inúmeros comentários a seu respeito, pôde se fazer amar e admirar por êsses milhões de homens?

É uma longa história.

LEMBRANÇA DE BARCELONA

Começou quando o jovem Pablo Ruiz Picasso se fixou com seus pais em Barcelona, o centro revolucionário da Espanha.

A escola de Belas Artes, sem dúvida, marcou menos seu espírito que a terrível miséria da cidade catalã, que manifestações das ruas e as revoltas da cidade.

Aos primeiros influências do passado, a fase azul — essa famosa fase azul, em nome da qual tentou-se, muitas vêzes e sem nenhuma razão, condenar o resto — vai encontrar êsse jovem pintor de 20 anos escolhendo seus modelos entre os pobres e tratando a sua pobreza com uma humanidade extraordinária para a sua idade, como de resto para qualquer idade.

Essa generosidade, essa sinceridade, êsse carinho em relação às pessoas pobres, trabalhadores, ficarão agregados a tôda sua obra e o pintor freqüentemente se voltará nessa direção.

Mais tarde, o domínio de sua arte, a síntese de seus conhecimentos as descobertas da sinceridade da arte negra, a vontade de evocar o passado e a luta contra o conformismo o levarão a «quisas» novas. Mas a aventura do cubismo vivida em Paris não o fará esquecer a aventura precedente vivida em Barcelona nem suas lições.

Por ilhe necessária contudo, para fazer tudo isso, muita coragem. Não esquecamos que desde 1906 Picasso tinha sua clientela de admiradores fiéis, colecionadores agrupados em tôrno de Gertrude Stein e de seu irmão.

Les Demoiselles d' Avignon (As moças de Avignon) negando ao mesmo tempo as seqüências do impressionismo e os elementos considerados como adquiridos desde a Renascença, deviam lançá-lo a um isolamento absoluto. Não só um isolamento moral, pois apenas um pouco mais tarde é que Braeque e outros vieram juntar-se a êle, mas também a solidão física da miséria.

Êle me contou certa vez como, nessa época, o **Père Frede** foi visitá-lo no inverno em seu «atelier», levando em seu pequeno jumento um saco de carvão, um pouco de alimentos, uma pequena garrafa de absinto e uma moeda de 20 francos. Cinqüenta anos depois, êle ainda me contava isso como se se tratasse realmente da chegada de Papai Noel nesse «atelier» sem aquecimento, sem pintura e sem comida.

Recusando-se a ouvir os que o aconselhavam a voltar atrás, Pablo Picasso continuará no caminho escolhido até suas famosas paisagens de Horta de Ebro e **La jeune fille à la madoline** (Moça com bandolim).

A nova escola pictórica, que iria subverter o passado, tinha nascido. A solidão iria suceder o trabalho coletivo. Com Kanhweiller, estavam de volta os compradores. Mais uma vez, Picasso iria poder manter-se.

Mais uma vez, preferiu jogar tudo ou nada, introduzindo na pintura elementos novos: papel de embrulho, colagem, etc., acrescentando às pesquisas anteriores êsses novos materiais.

Ainda outra vez, êle poderia ter parado. Mas onde Picasso colocava o gênio criador a serviço da pesquisa absoluta de uma beleza e uma realidade novas, outros fizeram truques. Então Picasso, que jamais bandonara o desenho, voltou à pureza linear, à beleza absoluta da linha, fazendo avançar constantemente a lição de Ingres, rejeitando as facilidades e os excessos da abstração.

Depois êle pôde misturar os gêneros e as fases; abandonar o cubismo, voltar a êle, abandoná-lo novamente; nunca, através de tôdas essas demarches, êle esqueceu a realidade do momento nem as circunstâncias exteriores que cercam a criação.

Durante a guerra, refugiado em Royan, pintou uma tela célebre, **Le Bar des Rains.** Superficialmente, poder-se-ia dizer que se trata de uma belíssima paisagem. Mas quem, vendo-a, perguntou a si próprio por que as janelas do bar são azuis e colocou a questão, lembrou-se de que em 1940 o azul nas vidraças era obrigatório como camuflagem antiaérea?

Mesmo o barco que se vê nesse quadro não é um barco qualquer. É' o do pescador, real, que queria sair do pôrto e sôbre o qual os alemães atiraram para obrigá-lo a voltar.

É' claro que na tela nada disso está explicado diretamente. Mas nada disso deixa de pertencer a essa realidade que Picasso nunca abandona e que está sempre presente em tôda sua obra.

«O TRABALHO É O AR QUE RESPIRO»

Pintar é para êle em primeiro lugar um trabalho, um trabalho difícil sem modêlo a seguir, a aproximação incessante do reflexo interior ao mundo real.

«O trabalho é o ar que respiro, é um órgão a mais», disse-me um dia. É preciso afastar tôda idéia de facilidade na arte de Picasso. Nos meses que precederam êsse 25 de outubro êle reconstituiu **Le déjeuner sur l'herbe** (Almôço, sôbre a relva) de Manet, como antes fizera com **Ménines** (Donzelas), de Velasquez. Isso representa dezenas de dias e centenas de desenhos. Nunca Manet trabalhou tanto em seu **Déjeuner.** O que se chama a «facilidade» de Picasso, é o gênio e mais 65 anos de experiência e trabalho incessantes.



Já são dados que há muito se impõem à consciência dos homens. Sòzinhas, essas razões não seriam ainda suficientes para explicar essa notoriedade universal. Há, portanto, outras. Simplificando ao máximo a idéia, como **La Colombe** (A pomba), por exemplo.

Para centenas de milhares de homens êsse desenho, ou melhor, êsses desenhos, tornaram-se o símbolo da luta pela paz. Paralelamente, contribuíram para a desmistificação da legenda Picasso. Entretanto a própria **La Colombe** não nasceu de um simples cruzamento do comício de Buffalo com o congresso de Wroclaw. Que o choque dêsses dois conclaves foi importante não há dúvida. Mas bem antes já havia sido feito, em 1937, **Guernica.** Vinte e sete metros quadrados de superfície para representar o ódio e a barbárie fascistas. O pintor não fêz aí nenhuma concessão pictórica. No entanto, não houve um entre as dezenas de milhares de visitantes do Pavilhão da Espanha Republicana na Exposição Internacional de Paris que não tenha compreendido êsse grito.

De **Guernica** a sua adesão ao Partido Comunista do Partido ao refúgio de Beloyanis, Picasso pôs suas pesquisas a serviço do homem. «Como seria possível», escreveu êle, «desinteressar-se dos outros homens e, partindo daquela indolência alabastrina, afastar-se de uma vida que êles nos trazem tão copiosamente? Não, a pintura não foi feita para decorar os apartamentos. E' um instrumento de guerra ofensiva e defensiva contra o inimigo. O inimigo aí tanto é o conformismo acadêmico ou abstrato, como o fascismo e a guerra. Milhões de homens estão conscientes da importância da pomba de Picasso na luta pela paz.

O inimigo também. Quando em 1942 Wlaminck juntou-se ao escultor nazista Bruckner para pregar a colaboração, seu primeiro alvo público foi Pablo Picasso e foi contra êle que fêz em **Comédia** seu primeiro requisitório. Quando Malraux tornou-se Ministro da Cultura, em 13 de maio de 1958, assumindo o cargo, seu primeiro ato foi proibir a inauguração do templo da paz de Vallauris e ameaçar para lá enviar seus CRS.

NÃO HÁ HOMEM MAIS SIMPLES

Mas resta ainda falar do homem. O homem do dia a dia. Sem dúvida é sôbre êle que a imprensa e a lenda mais procuram mistificar. Apresentam-no ora como um monstro sagrado, ora como um gênio egoísta, ora como uma espécie de potentado oriental tirando das receitas inculculáveis da venda de seus quadros como Alí Babá do tesouro. Ora como um farsante explorando a credulidade pública. Que mais?

Na realidade, pondo-se de lado o labirinto da criação, não há homem mais simples que Pablo Picasso. Depois do carinho de Jacqueline, sua espôsa, acho que não tem nenhuma outra necessidade além de espaço para «ateliers», salas imensas onde possa trabalhar tranquilamente. Esse espaço êle pode encontrar numa fábrica desocupada como Fournas, num castelo como Vauvenargue, ou ainda numa «villa» bastante confortável como Mougins. O essencial é o lugar. E a fôrça de seu trabalho é tal que, dia após dia, inexoràvelmente, a pintura, os desenhos, a escultura, as cerâmicas, as gravuras, invadem tudo, peça após peça, qual maré sem vazante. Os «ateliers» primeiro, depois a sala de estar, a de jantar e os quartos sucumbirão, cada um por sua vez; ao cabo de alguns anos, a imensa superfície não sobrarão senão duas lhotas, uma para a cama, outra para a cozinha, onde fazem as refeições. Nada restará a fazer, então, senão encontrar outro local.

O resto? Que resto? Com o trabalho, com Jacqueline, com seus filhos nas férias, com seus amigos, a felicidade de Picasso está completa. E' simples assim (fora, evidentemente, os demônios da criação). Tudo mais é ma literatura. O que não significa que Picasso não seja um tanto fascinante. Agard, seu torneiro, disse-me certa vez em Vallauris: «O que me impressionou desde o início foi sua alegria no trabalho; um homem como êle podia passar sem tanto trabalho ou empregar menos ardor, encontrar ao trabalho menos gôsto. Eu também amo meu ofício e no entanto levei algum tempo para compreender êsse entusiasmo. Mas rapidamente êle me transmitiu mais gôsto, ardor, alegria, prazer em fornear os peças que me pedia».

Todo o fascínio de Picasso, só reside aí, nessa comunicação entusiastica.

Em Vallauris, os operários dizem: «Gosta-se de Picasso como se pode gostar de um operário. Não é em definitivo, a chave dêsse amor e dessa admiração que lhe vão demonstrar esta semana dezenas de milhões de homens? Um grande pintor, o maior que é também um operário militante, essa definição não desgostaria aquêle de quem Paul Eluard escreveu: «Picasso sabe que o homem que avança descobre a cada passo um novo horizonte».

(Tradução de L'Humanité, de 22 de outubro de 1961).

Canto de Página

Eneida

Assuntos em coquete!

São tantos os assunto — hoje — que um cronista que se preze fica meio embaraçadíssimo sem saber qual dêles comentar, amarrar seu bote num dêles para aplaudir ou protestar. Como falar em por-de-sóis ou em Misses? Aliás essa história de miss e de arder. Cada menina bonita — porque ninguém pode negar a beleza das moças — que sai desta terra para esses horríveis concursos de beleza, os jornais ficam noticiando que elas são as preferidas, que vão ganhar na certa, talam em finalista, já ganhou, já ganhou. Depois nem classificadas são. Será que ninguém se apercebe que atrás dêsses concursos o que existe é política? Querem continuar mandando Miss? Mandem, mas não fiquem contando vitórias antes da vitória que nem e coisa direita sem é bom para as moças.

Mas mudemos de assunto. O comandante da Polícia Militar durante um banquete em homenagem ao governador (infelizmente) da Guanabara, CL, oferecido pela corporação, disse uma coisa ou várias impressionante. Disse, por exemplo, que "a boa polícia e aquela em cuja formação se inserem princípios que revistam o policial de consciente repulsa à violência". A frase é longa mas o conceito é bom sem dúvida. E corajoso. Dizer a CL que a polícia não deve ser violenta quando o homem só vive, respira, age e sente a violência, é fabuloso. O discurso dêsse comandante é uma peça digna de arquivo. Vejam só êste trechinho: "... (a polícia) passa a ter papel destacado na educação, inclusive dos marginais da sociedade, cuja criminalidade, antes de ser efeito da liberdade de arbítrio individual, parece que já o é do atrasado estado de espírito ou de um condicionamento, de que a vontade é apenas uma decorrência". Outra frase complicada mas, trocada em miúdos, dá um belo conceito: quem faz o chamado marginal é a própria sociedade em que vivemos.

Mudemos de assunto: vocês viram o que disse o desembargador Bulhões de Carvalho, homem de bem e que entende do problema, sôbre o famigerado Serviço de Assistência a Menores? É um pratinho delicioso. "Resolveram transformar o SAM em órgão político. A sua imensa verba que se eleva a um bilhão de cruzeiros pretende o governo aplicar a tôda a sorte de instituições, inclusive ginásios destinados a internações de menores não remetidos pelo Juizado". E por aí vai. Os funcionários do SAM são nomeados por pistolão político, etc., e como os meninos são gente e vivem sob fome e pancadaria revoltaram-se como acaba de ocorrer no Instituto Anchieta. Só há uma coisa que o desembargador esqueceu de dizer ou disse mal: a diretoria do SAM sempre foi entregue não a um entendido no assunto (raríssimos os nesse gênero que por lá passaram) mas sempre como cargo político. Quem não sabe isso é cego ou bôbo. Quanto às verbas servem mais aos bolsos dos empistolados do que aos internados.

Enquanto isso leio uma notícia de Cuba. — Cuba que faz ranger os dentes dos CL dos Roberto O globo Marinho, etc. até agora foram alfabetizados 271.186 cubanos. E o ministro de educação de lá declara que é necessário intensificar o ritmo da alfabetização em Cuba para que êles possam proclamar ao mundo que em seu país todos sabem ler e escrever.

Aqui más fadas há; as fadas de Cuba são boazinhas. Como negar?

VIAGEM A MOSCOU E PEQUIM

Recebemos, com pedido de publicação, o seguinte comunicado:

"O sorteio que tem por prêmio uma viagem a Moscou e Pequim, e que correrá no dia 25 de novembro corrente, pela Loteria Federal, correrá pela Loteria do Estado do Rio de Janeiro, no Natal, dia 21 de dezembro de 1961."

Ajuda a NOVOS RUMOS

Rio Grande (R.G.Sul)	280,00
Cirilo R. Figueiredo (Maricá)	50,00
Curitiba (ajuda extra)	5.000,00
Saturnino (S. J. Meriti)	100,00
Waldemar S. Lima (S. Paulo)	100,00

Tópicos Típicos

Pedro Severino

REAPARECEU O CACHORRO DO AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

"Peter", o cachorrinho de estimação do poeta Augusto Frederico Schmidt, havia desaparecido na praia do Leblon, domingo atrasado. Graças a um apêlo transmitido pela rádio Globo, contudo, o animalzinho foi devolvido ao seu dono e já está, outra vez, desfrutando da tranqüilidade da casa.

SOCIÓLOGO FAMOSO DEFENDE O Y DO SOBRENOME

O sociólogo Gilberto Freyre defendeu, em artigo publicado na revista "O Cruzeiro", o "Y" do seu sobrenome, afirmando que não abriria mão do mesmo. Espera-se que a Academia Brasileira de Letras se manifeste sôbre o importante assunto.

POETA NEOCONCRETO PRODUZ UM POEMA QUE É O FIM

No suplemento do "Jornal do Brasil" (18.11), o poeta Albertus anunciou ter montado um poema elétrico. O "leitor" depara com um quadrilátero branco, aperta um botão e aparece, iluminada, no centro do quadrilátero, a palavra FIM. Ou, como nos filmes da Metro, THE END.

SUBLITERATURA DE BATINA INSTALADA NO "O GLOBO"

O padre Caetano Vasconcelos, da colnna "Palavras de Vida", tem andado terrível, ùltimamente. Ouçamo-lo: "Que coisa alegre e feliz uma pessoa naturalmente sobrenatural e sobrenaturalmente natural!"

PONGETTI FAZ RECLAME DE SI MESMO PARA VENDER-SE MELHOR

Também no "O Globo", o cronista Henrique Pongetti anuncia que está à venda um livro seu, intitulado "Alta Infidelidade". E explica: "Tenho a imodéstia de me considerar um espírito ameno e recreativo, adequado a presente de Boas Festas".

LIVRO SÔBRE A CRISE PROVOCANDO DISCUSSÃO

Domingo último, em um bar de Copacabana, dois Moderes estudantis discutiam animadamente a respeito do livro que o poeta Moniz Bandeira dedicou ao "24 de agôsto de Jânio Quadros".

SUTILEZAS LINGUÍSTICAS DA "MATER ET MAGISTRA"

Segundo o prior do Mosteiro de São Bento, D. Basílio Penido, a socialização admitida pela Mater na encíclica não deve ser confundida com o socialismo, pois êste "apaga a alma do homem".

OBRAS ESCOLHIDAS — 1º VOLUME

MAO TSÉ-TUNG

Um lançamento da Editorial Vitória

* Pela primeira vez publicadas em português
* O primeiro volume, agora editado, contém as mais famosas obras do líder chinês referentes ao período 1921 1936, inclusive os trabalhos Sôbre a Prática e Sôbre a Contradição.
* Em tôdas as livrarias. Preço do exemplar: Cr$ 700,00.

Pedidos pelo Reembôlso para a Caixa Postal 165, Rio de Janeiro, Estado da Guanabara

NOVOS LIVROS

EM PORTUGUÊS:

OBRAS ESCOLHIDAS de Mao Tse-Tung. 1 vol. 894 pgs. Encad.	700
A ALIANÇA OPERÁRIO-CAMPONESA de Lênin. Estudo marxista da Reforma Agrária. 350 pgs. br.	600
O TRABALHO DO PARTIDO ENTRE AS MASSAS, de Lênin. 225 pgs.	250
HISTÓRIA DOS TEMPOS ATUAIS, de Revuelvenkov. 203 pgs. br.	450
OBRAS ESCOLHIDAS, de Marx e Engels. Vol. I — 2a. edição	400
O ESTADO E A REVOLUÇÃO, de Lênin. Broch.	250
BREVE MANUAL DE LÍNGUA RUSSA, de Nina Potapova. Enc.	450
DICIONÁRIO PORTUGUÊS-RUSSO. 40.000 palavras. Enc.	880
DICIONÁRIO RUSSO-PORTUGUÊS E GRAMÁTICA LÍNGUA RUSSA. Enc.	700

EM ESPANHOL:

UN HUESPED DEL COSMOS, de vários autores. É possível a vida em outros planetas? Edição de Moscou.	230
LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, de M. Debrovin. Anteceden tes, curso, conclusão e consequências. Amplas informações econômicas e políticas. 647 pgs. Encadernado.	480
CARA A CARA (ON NORTEAMERICA) por 12 jornalistas soviéticos. Os mais candentes problemas da atualidade. Illust. Enc.	370
BREVE HISTORIA DE LA LITERATURA CLASICA CHINA, de Feng Yuan-Chun. Illust. Enc.	220
MANUAL DE MARXISMO-LENINISMO, de Rosenberg e outros. O mais completo manual editado. Broch.	1 900
IMPERIALISMO, FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO, de Lênin.	100

PEDIDOS À:

AGÊNCIA INTERCÂMBIO CULTURAL

Jurandir Guimarães

Rua dos Estudantes, 84 — sala 28

SÃO PAULO

Atendemos pelo Reembôlso Postal. Os livros poderão ser acompanhados de um belíssimo marcador de páginas, chinês, em côres, pintado a mão, com motivos de borboletas, flôres, etc. mediante o acréscimo de apenas Cr$ 50,00. Os pedidos de Cr$ 500,00 para cima não pagam taxas postais.

REVISTAS SOVIÉTICAS

Entre as revistas de leitura muadial, as revistas soviéticas ocupam um lugar destacado. Não é por acaso. As grandes conquistas dos povos soviéticos no campo social; na ciência e na técnica; na agricultura, indústria e comércio; ensino, artes e esportes, etc. despertam grande entusiasmo e desejo de conhecê-las. E, sem dúvida, as revistas soviéticas satisfazem plenamente a todos os seus leitores.

Em suas paginas, os leitores econtram reportagens ilustradas e interessantes trabalhos a respeito de como a União Soviética domina o átomo e conquista o Cosmos, obras de escritores soviéticos e comentários sôbre os acontecimentos internacionais, conselhos domésticos e reproduções de quadros.

Em todo o mundo estas revistas são lidas. Para isso são editadas em muitas línguas, entre as quais espanhol, inglês, francês, árabe, etc. Elas refletem todos os aspectos da vida dos homens soviéticos, seu trabalho e seu descanso, assim como todos os acontecimentos interessantes da vida cultural e esportiva da URSS.

Por serem editadas em espanhol, as revistas mais lidas no Brasil são: UNION SOVIETICA, LA MUJER SOVIETICA, CULTURA Y VIDA, TIEMPOS NUEVOS, LITERATURA SOVIETICA e FILMS SOVIETICOS. Tratam-se de revistas modernas, maravilhosamente ilustradas em côres. Tôdas elas são enviadas diretamente de Moscou aos assinantes brasileiros, por via aérea. Os milhares de assinantes brasileiros, em todos os pontos do território nacional, estão recebendo essas revistas com regularidade.

Os preços de assinaturas anuais destas revistas são muito acessíveis: UNION SOVIETICA custa por ano, apenas Cr$ 600,00; LA MUJER SOVIETICA, Cr$ 480,00; CULTURA Y VIDA, Cr$ 360,00; TIEMPOS NUEVOS, Cr$ 480,00; LITERATURA SOVIETICA, Cr$ 360,00; e FILMS SOVIETICOS, Cr$ 600,00.

Assim, estimado leitor, não deixe de subscrever as revistas soviéticas. Elas oferecem para você um grande interesse. Escreva, hoje mesmo, para JURANDIR GUIMARÃES — Agência Intercâmbio Cultural — rua dos Estudantes, 84 — sala 28 — SÃO PAULO e receberá suas assinaturas. Faça acompanhar o seu pedido de cheque ou vale postal.



Piquête central da greve, defronte às oficinas Diesel da Rêde Viação Cearense.

4200 Ferroviários Cearenses Paralisam Completamente a RVC

FORTALEZA (Do Correspondente) — Quatro mil e duzentos ferroviários da Rêde Viação Cearense .... (REFFSA) declararam-se em greve geral a 0 hora do dia 11 passado. O movimento paredista paralisou completamente o sistema ferroviário do Ceará, abrangendo inclusive tôda a massa de funcionários dos Escritórios da Estrada. Desde o momento em que foi deflagrada a greve nem um trem entrou ou saiu da capital cearense. Poderosos piquêtes de grevistas ocuparam as oficinas do Urubu, o depósito Diesel, o depósito de carros e vagões, a central ferroviária de Fortaleza, o Serviço de Comunicações Telegráficas e as sedes dos Serviços do Pessoal e de Abastecimento. Tôdas as dependências da Estrada tiveram as suas portas cerradas a cadeado e lacradas.

O MOTIVO

A greve tem por objetivo afastar o general Humberto Moura da Superintendência da RVC. O general é um perseguidor dos engenheiros, operários e funcionários da ferrovia. Ùltimamente, vinha dando mão forte aos elementos corruptos da Estrada, fazendo vista grossa diante dos escândalos administrativos praticados pelos mesmos. Tais fatos e as perseguições odiosas foram vigorosamente denunciados pela União Geral dos Ferroviários do Ceará e pelo Sindicato de classe, mas o general Moura teimou em incentivar os corruptos e em perseguir os trabalhadores.

Assim, não suportando mais o estúpido regime policialesco implantado na Ferrovia, aquelas entidades representativas promoveram gigantesca assembléia e decidiram barrar, de uma vez por tôdas, as arbitrariedades e violências do general Moura, exigindo a sua renúncia ao posto de superintendente, ao mesmo tempo que colocavam na ordem-do-dia a reconsideração de tôdas as medidas arbitrárias (remoções e perseguições contra funcionários e operários).

A OBSTRUÇÃO

Decretada, pois, a greve pela renúncia imediata do general Humberto Moura, foi instalado o Comando Geral que passou a funcionar na séde da U.G.F.C. Logo a seguir, foi lançada vibrante proclamação através das emissoras e jornais de Fortaleza, dirigida a todos os ferroviários do Estado, concitando-os à firmeza e à resistência.

Comissões de grevistas partiram então para os pontos mais importantes do interior, enquanto dezenas de despachos telegráficos eram expedidos.

No segundo dia de greve, o general Moura recebia resposta merecida a uma ordem que expedira para uma cidade do interior, no sentido de que um agente de estação assumisse o comando de um trem parado nas proximidades da cidade de Ipu. Dizia a resposta: — "A partir dêste momento só acato às determinações do presidente da União Geral dos Ferroviários".

Nesse mesmo dia, todos os telegrafistas da RVC fecharam a sala do Serviço de Comunicações e mandaram entregar as respectivas chaves à direção. No mesmo instante, cerravam-se as portas dos Escritórios da Agência Central (Fortaleza), com a adesão em massa dos funcionários ao movimento grevista.

Era a parede que chegava ao seu ponto culminante. Greve total de 4.200 ferroviários cearenses. Restavam apenas, fora da parede, sete fura-greves...

POLÍCIA IMPOTENTE

Duas horas antes da deflagração da greve, no momento em que dirigentes grevistas deixavam os estúdios de uma emissora onde haviam sido entrevistados, choques policiais efetuaram a prisão de seis líderes ferroviários. O general Humberto Moura conseguira mobilizar a polícia para desencadear o terror contra a classe operária, lançando assim uma mancha no govêrno trabalhista do sr. Parsifal Barroso, que até então se jactava de respeitar as liberdades públicas e o direito de greve.

As prisões, entretanto não abalaram o ânimo combativo da massa ferroviária. Muito pelo contrário, serviram apenas para fazer recrudescer o ódio que vinha lavrando contra os processos reacionários e terroristas do general Moura. A resposta dos ferroviários não se fêz esperar. Indignada com as prisões, a massa obstruiu completamente trechos da linha férrea, cortou as comunicações telegráficas e ocupou ràpidamente as composições ferroviárias.

O clamor foi crescendo contra as prisões, o govêrno de Parsifal viu-se pôsto em xeque e ao meio dia de sábado todos os líderes grevistas foram postos em liberdade.

Enquanto isso, mais de cem soldados da Polícia Militar, armados de metralhadoras portáteis, nada podiam fazer contra a compacta massa grevista que, formando poderosos piquêtes, guarneciam a estação central ferroviária de Fortaleza, assegurando a paralisação completa dos serviços.

PROVOCAÇÃO

Na manhã do dia 13 (segunda-feira), piquêtes grevistas surpreenderam e fizeram abortar um plano terrorista de provocações. Capangas da direção da Ferrovia foram flagrados, no momento exato em que tentavam atear fogo ao Depósito de Combustíveis Inflamáveis. A ação terrorista fôra preparada, para ser atribuída aos grevistas e oferecer motivo para a ocupação da Ferrovia por tropas do Exército. Mas não vingou a sinistra aventura dos inimigos dos ferroviários.

Abortado o plano terrorista, foi o mesmo imediatamente levado ao conhecimento da massa ferroviária e de todo o povo do Ceará, num exemplar desmascaramento dos seus autores.

VITÓRIA COMPLETA

A greve dos ferroviários cearenses terminou com a vitória completa. O Superintendente foi substituído e a massa grevista voltou ao trabalho, com as suas fôrças redobradas para novas e futuras lutas pelos seus direitos e reivindicações.

Encontro de Camponeses em Natal: 60 Delegações

Cêrca de 60 delegações camponesas participaram do I Encontro de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Rio Grande do Norte, cuja sessão de instalação foi realizada no último dia 8, em Natal. Estiveram presentes o sr. Agnelo Alves, representando o governador do Estado; o prefeito em exercício, sr. Luiz Gonzaga dos Santos, e os deputados estaduais Floriano Bezerra, Luiz Maranhão Filho e Radir Pereira.

SOLIDARIEDADE OPERÁRIA

Todos os sindicatos de trabalhadores do Estado se fizeram representar no ato, enviando numerosas delegações fraternais, com direito a voz no plenário. Os representantes operários expressaram sua inteira solidariedade à luta dos trabalhadores da terra e a necessidade de estreitar os laços que unem camponeses e operários.

Representantes de entidades estudantis também estiveram presentes ao Encontro.

CAMPONESES ESPANCADOS

De quase todos os municípios do Estado vieram delegações camponesas, sobressaindo-se a da Sociedade Beneficente de Agricultores e Lavradores de Pororocas integrada por 41 membros.

O advogado Geraldo Pereira de Paula, falando na sessão exibiu aos presentes vários camponeses recentemente espancados, e que ainda traziam no corpo as marcas das violências de que foram vítimas. [illegible] particularmente o latifundiário Júlio Juvêncio da Câmara, proprietário da Fazenda "Mar Coalhado", de São Paulo do Potengi, como o maior espancador de lavradores. Os latifundiários vêm derrubando casas, roçados, cêrcas, destruindo açudes, seviciando pobres posseiros, e tudo isto com o apoio da polícia.

SESSÕES PLENÁRIAS

Depois de falarem outros oradores e integrantes das delegações fraternais, foi suspensa a sessão.

No dia seguinte, 9 de novembro, houve várias sessões plenárias onde foram debatidos os problemas da reforma agrária, extensão da Consolidação do Trabalho ao homem do campo, sindicalização e inúmeras outras teses e proposições.

Foi marcada para a noite dêsse mesmo dia, às 20 horas, o encerramento solene do Encontro.

«MAIS TRABALHO QUE CONVERSA»

"Para conseguir a reforma agrária é necessário mais trabalho do que conversa", disse, na sessão de encerramento o líder sindical Evlim Medeiros, que falou em nome da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do R. G. Norte.

A sessão solene foi presidida pelo prefeito em exercício. Foram eleitos os delegados que participariam do 1.º Congresso realizado em Belo Horizonte e aprovadas várias teses e moções.

O representante dos servidores públicos, Fausto Severino da Cunha, declamou um poema de sua autoria, "Apêlo de um camponês". Vários camponeses se fizeram ouvir. Miguel Luís da Silva do município de João Câmara, exigiu "providências das autoridades presentes contra os desmandos de poderosos latifundiários".

OPERÁRIOS E ESTUDANTES

João Ferreira de Macedo Sobrinho, do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Calçado, expressou o entusiasmo de seus companheiros com a luta dos camponeses. O estudante Franklin Bezerra falou em nome da APES. Pelos universitários saudou os presentes o dr. Geraldo Pereira de Paula. O deputado Floriano Bezerra de Araújo, em nome do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Sal de Macau, disse que os operários exigiam uma reforma agrária imediata.

A MULHER CAMPONESA

A sra. Maria Antônia da Conceição, líder da delegação de Pororocas, município de S. Paulo do Potengi, narrou as atrocidades que se cometem em sua região.

"A justiça — disse — a soldo de poderosos proprietários de terras, nas localidades de Pororocas, Macoalhada, Capivara, Serrote Coberto e outras, apóia as maiores atrocidades e perseguições."

Denunciou a dirigente camponesa o sr. Júlio Juvêncio como responsável direto pelos espancamentos, estragos de lavouras e nada menos que cinco casas incendiadas, por bandos de 30 40 e 50 cangaceiros, que assaltam, roubam e matam impunemente naquelas localidades do município de São Paulo do Potengi.

O secretário da U. E. E., Paulo Oliveira, afirmou "estar próximo o dia da libertação dos camponeses." Acrescentou que "os estudantes norte-rio-grandenses solidarizam-se com os trabalhadores rurais na formação de uma frente comum na luta pelas reivindicações".

O último orador, prefeito Luiz Gonzaga dos Santos, disse que os camponeses e os operários, organizados, farão as reformas de base. Mostrou que o movimento sindical tem tal fôrça, atualmente, que foi capaz de deter um golpe de Estado.

Acrescentou que os camponeses mostrarão que são capazes de fazer, junto com o povo, essas reformas, se os responsáveis pelo país não as fizerem.

Cartas dos Leitores

APÊLO DE UM CAMPONÊS

"Agora dotô, num é/qui chegou um coroné/cum a puliça imbalada/sá puderando da serra/tumano da gente as terra/adispois de cultivada?/Mi acredite dotô/qui muitos já lá ficô/sem terra passano fome/vai morrê homi e mulé/mas vai morrê coroné/e a minha num tem quem tome".

Os versos acima fazem parte do poema "Apêlo de um camponês", de F. S. Cunha, de Natal (RN), que o enviou ao I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, realizado em Belo Horizonte. É a história, em versos, das lutas dos lavradores de sua terra, ameaçados de grilo e reagindo através de todos os meios.

RECADO DE RONDONÓPOLIS

"A questão de Jarudei ainda não foi resolvida; o latifundiário Alípio Marques de Oliveira, de Tupan (SP), continua a perseguir os posseiros; apesar dêstes terem pedido auxílio ao governador do Estado de Mato Grosso, Fernando Corrêa da Costa, continuam ameaçados de despejo. Estão confiantes nos resultados do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas".

O recado de Rondonópolis (MT), foi-nos enviado pelo leitor Macário Tavares dos Santos.

ABC DE ANTÔNIO BUGRE

Antônio Bugre — "um índio civilizado" — que se esqueceu de indicar a que taba pertence, enviou-nos extenso ABC relatando as misérias do povo brasileiro. A falta de espaço impede-nos o aproveitamento do poema.

REGISTRO DO PCB

Juvenal Ribeiro dos Santos, de Vila Maria, Jataí (MT), escreve-nos para comunicar que depois de ler nosso n.º 138 decidiu participar da luta pelo registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro, não só assinando a lista para o Supremo Tribunal Eleitoral, como também colhendo assinaturas. Parabens, e mãos à obra.

AMOSTRA GRÁTIS TEM PREÇO

A leitora Marina Cavalcanti Silva, de Rondonópolis (MT), denuncia irregularidades do Pôsto de Saúde local, que em vez de distribuir as amostras grátis de remédios entre os necessitados, manda-as para o hospital e para as farmácias, onde as mesmas são vendidas.

Conta que um seu vizinho levou o filho ao hospital, onde lhe foram doados, gratuitamente, 8 centímetros cúbicos de sangue. Pois o hospital cobrou sete mil cruzeiros pelo sangue doado. A leitora responsabiliza o govêrno estadual, que não exerce nenhum contrôle sôbre êsses casos.

DECLARAÇÃO DE BELO HORIZONTE

REFORMA AGRÁRIA RADICAL COM DESTRUIÇÃO DO LATIFÚNDIO

Na sessão de encerramento dos trabalhos do I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, em Belo Horizonte, com a presença de 1 600 delegados de todo o país, grande massa popular, representantes da classe operária, da intelectualidade, dos estudantes, autoridades governamentais, inclusive o presidente da República e o primeiro ministro, foi unânimemente aprovada a seguinte DECLARAÇÃO:

"As massas camponesas oprimidas e exploradas de nosso país reunidas em seu I Congresso Nacional, vêm, por meio desta Declaração, manifestar a sua decisão inabalável de lutar por uma reforma agrária radical. Uma tal reforma nada tem a ver com as medidas paliativas propostas pelas fôrças retrógradas da Nação, cujo objetivo é adiar por mais algum tempo a liquidação da propriedade latifundiária. A bandeira da reforma agrária radical é a única bandeira capaz de unir e organizar as fôrças nacionais que desejam o bem-estar e a felicidade das massas trabalhadoras rurais e o progresso do Brasil.

O I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, após os debates travados durante todo o período de sua realização, definiu os elementos básicos que caracterizam a situação atual das massas camponesas e fixou os princípios gerais a que se deve subordinar uma reforma agrária radical.

A característica principal da situação agrária brasileira é o forte predomínio da propriedade latifundiária. Com uma população rural de cêrca de 38 milhões de habitantes, existem no Brasil apenas 2 065 000 propriedades agrícolas. Neste número incluem-se 70 000 propriedades latifundiárias, que representam 3,39% do total dos estabelecimentos agrícolas existentes, mas que possuem 62,33% da área total ocupada do país.

É o monopólio da terra, vinculado ao capital colonizador estrangeiro, notadamente o norte-americano que nêle se apóia, para dominar a vida política brasileira e melhor explorar a riqueza do Brasil. É o monopólio da terra o responsável pela baixa produtividade de nossa agricultura, pelo alto custo de vida e por tôdas as formas atrasadas, retrógradas e extremamente penosas de exploração semifeudal, que escravizam e brutalizam milhões de camponeses sem terra. Essa estrutura agrária caduca, atrasada, bárbara e desumana constitui um entrave decisivo ao desenvolvimento nacional e é uma das formas mais evidentes do processo espoliativo interno.

A fim de superar a atual situação de subdesenvolvimento crônico, de profunda instabilidade econômica, política e social e, sobretudo, para deter a miséria e a fome crescentes e elevar o baixo nível de vida do povo em geral e melhorar as insuportáveis condições de vida e de trabalho a que estão submetidas as massas camponesas, torna-se cada vez mais urgente e imperiosa a necessidade da realização de uma reforma agrária que modifique **radicalmente** a atual estrutura de nossa economia agrária e as relações sociais imperantes no campo.

A reforma agrária não poderá ter êxito se não partir da ruptura imediata e da mais completa liquidação do monopólio da terra exercido pelas fôrças retrógradas do latifúndio e o conseqüente estabelecimento do livre e fácil acesso à terra dos que a queiram trabalhar.

É necessário, igualmente, que a reforma agrária satisfaça as necessidades mais sentidas e as reivindicações imediatas dos homens do campo. Que responda, portanto, aos anseios e interêsses vitais dos que trabalham a terra e que, aqui, se encontram reunidos, através de seus representantes e delegados de todo o país ao I CONGRESSO NACIONAL DOS LAVRADORES E TRABALHADORES AGRÍCOLAS DO BRASIL.

Para os homens que trabalham a terra a reforma agrária, isto é, a completa e justa solução da questão agrária no país é a única maneira de resolver efetivamente os graves problemas em que se debatem as massas camponesas e, portanto, elas, mais de que qualquer outra parcela da população brasileira, estão interessadas em sua realização. As massas camponesas têm a consciência de que a solução final dessa questão depende delas.

A execução de uma reforma agrária, efetivamente democrática e progressista, só poderá ser alcançada à base da mais ampla e vigorosa ação, organizada e decidida, das massas trabalhadoras do campo, fraternalmente ajudadas em sua luta pelo proletariado das cidades, os estudantes, a intelectualidade e demais fôrças nacionalistas e democráticas do povo brasileiro.

As medidas aqui propostas, capazes de realmente conduzirem à solução do magno problema da reforma agrária em nossa pátria, evidentemente se chocam e se contrapõem aos interêsses e soluções preconizadas pelas fôrças sociais que se beneficiam e prosperam à base da manutenção da arcaica e nociva estrutura agrária atual. Sôbre essa estrutura repousa a instável economia, dependente e subdesenvolvida, de nossa pátria, e que, a todo custo, essas fôrças procuram impedir que se modifique.

A reforma agrária que defendemos e propomos diverge e se opõe frontalmente, portanto, aos inúmeros projetos, indicações e proposições sôbre as pretensas "reformas", revisões agrárias e outras manobras elaboradas e apresentadas pelos representantes daquelas fôrças, cujos interêsses e objetivos consultam sobretudo ao desejo de manter no essencial e indefinidamente o atual estado de coisas.

A reforma agrária pela qual lutamos tem como objetivo fundamental a completa liquidação do monopólio da terra exercido pelo latifúndio, sustentáculo das relações antieconômicas e anti-sociais que predominam no campo e que são o principal entrave ao livre e próspero desenvolvimento agrário do país.

Com a finalidade de realizar a reforma agrária que efetivamente interessa ao povo e às massas trabalhadoras do campo, julgamos indispensável e urgente dar solução às seguintes questões:

a) — Radical transformação da atual estrutura agrária do país, com a liquidação do monopólio da propriedade da terra exercido pelos latifundiários, principalmente com a desapropriação, pelo govêrno federal, dos latifúndios, substituindo-se a propriedade camponesa, em forma individual ou associada, e a propriedade estatal.

b) — Máximo acesso à posse e ao uso da terra pelos que nela desejam trabalhar à base da venda, usufruto ou aluguel a preços módicos das terras desapropriadas aos latifundiários e da distribuição gratuita das terras devolutas.

Além dessas medidas que visam a modificar radicalmente as atuais bases da questão agrária no que respeita ao problema da terra, são necessárias soluções que possam melhorar as atuais condições de vida e de trabalho das massas camponesas, como sejam:

a) — Respeito ao amplo, livre e democrático direito de organização independente dos camponeses em suas associações de classe.

b) — Aplicação efetiva da parte da legislação trabalhista já existente e que se estende aos trabalhadores agrícolas, bem como imediatas providências governamentais no sentido de impedir sua violação. Elaboração de Estatuto que vise a uma legislação trabalhista adequada aos trabalhadores rurais.

c) — Plena garantia à sindicalização livre e autônoma dos assalariados e semi-assalariados do campo. Reconhecimento imediato dos sindicatos rurais.

d) — Ajuda efetiva e imediata à economia camponesa, sob tôdas as suas formas.

As massas camponesas sentem agravar-se, a cada dia que passa, o pêso insuportável da situação a que estão submetidas. Por isso mesmo, se mobilizam e se organizam para lutar decididamente pela obtenção de seus objetivos, expressos em uma efetiva, democrática e patriótica reforma agrária. Essa luta já se processa e evoluirá até que sejam atingidos e realizados seus objetivos, pelos quais as massas do campo não pouparão esforços nem medirão sacrifícios.

Nas atuais condições, tudo deve ser feito para conseguir que as fôrças que dirigem os destinos da nação brasileira se lancem à realização de uma eficaz e inadiável política agrária capaz de, através da execução de medidas parciais, ir dando solução às questões indispensáveis à plena realização da reforma agrária que necessitam os lavradores e trabalhadores agrícolas, assim como todo o povo brasileiro. Tais medidas, entre outras, são as seguintes:

a) — Imediata modificação pelo Congresso Nacional do Artigo 147 da Constituição Federal, em seu parágrafo 16, que estabelece a exigência de "indenização prévia, justa e em dinheiro" para os casos de desapropriação de terras por interesse social. Esse dispositivo deverá ser eliminado e reformulado, determinando que as indenizações por interêsse social sejam feitas mediante títulos do poder público resgatáveis a prazo longo e a juros baixos.

b) — Urgente e completo levantamento cadastral de tôdas as propriedades de área superior a 500 hectares e de seu aproveitamento.

c) — Desapropriação, pelo govêrno federal, das terras não aproveitadas das propriedades com área superior a 500 hectares, a partir das regiões mais populosas, das proximidades dos grandes centros urbanos, das principais vias de comunicação e reservas de água.

d) — Adoção de um plano para regulamentar a indenização em títulos federais da dívida pública, a longo prazo, e a juros baixos, das terras desapropriadas, avaliadas à base do preço da terra registrado para fins fiscais.

e) — Levantamento cadastral completo, pelos governos federal, estaduais e municipais, de tôdas as terras devolutas.

f) — Retomamento e atualização de todos os títulos de posse de terra. Anulação dos títulos ilegais ou precários de posse, cujas terras devem reverter à propriedade pública.

g) — O impôsto territorial rural deverá ser progressivo, através de uma legislação tributária que estabeleça: 1.º) — forte aumento de sua incidência sôbre a grande propriedade agrícola. 2.º) — Isenção fiscal para a pequena propriedade agrícola.

h) — Regulamentação da venda, concessão em usufruto ou arrendamento das terras desapropriadas aos latifundiários, levando em conta que em nenhum caso poderão ser feitas concessões cuja área seja superior a 500 hectares, nem inferior ao mínimo vital às necessidades da pequena economia camponesa.

i) — As terras devolutas, quer sejam de propriedade da União, dos Estados ou Municípios, devem ser concedidas gratuitamente, salvo exceções de interêsse nacional, aos que nelas queiram efetivamente trabalhar.

j) — Proibição da entrega de terras públicas àqueles que as possam utilizar para fins especulativos.

l) — Outorga de títulos de propriedade aos atuais posseiros que efetivamente trabalham a terra, bem como defesa intransigente de seus direitos contra a grilagem.

m) — Que seja planificada, facilitada e estimulada a formação de núcleos de economia camponesa, através da produção cooperativa.

Com vistas a um rápido aumento da produção, principalmente de gêneros alimentícios, que possa atenuar e corrigir a asfixiante carestia de vida em que se debate a população do país, sobretudo as massas trabalhadoras da cidade e do campo, o Estado deverá elaborar um plano de fomento da agricultura que assegure preços mínimos compensadores nas fontes de produção; transporte eficiente e barato; favoreça a compra de instrumentos agrícolas e outros meios de produção; garanta o fornecimento de sementes, adubos, inseticidas, etc. aos pequenos agricultores; conceda crédito acessível aos pequenos cultivadores, proprietários ou não, e combata o favoritismo dos grandes fazendeiros.

O I CONGRESSO NACIONAL DOS LAVRADORES E TRABALHADORES AGRÍCOLAS conclama o povo brasileiro a tomar em suas mãos esta bandeira e torná-la vitoriosa.

Belo Horizonte, 17 de novembro de 1961."

CR$ 1.600.000 PARA «O DEMOCRATA»

FORTALEZA (Do Correspondente) — Em solenidade realizada no Escritório Eleitoral 25 de Março, nesta capital, foi lançada uma campanha destinada a levantar os recursos necessários ao reaparelhamento do órgão local da imprensa popular, há meses fora de circulação. A iniciativa despertou desde logo grande interêsse popular, uma vez que os trabalhadores e o povo de Fortaleza se vêm privando, desde que deixou de circular O DEMOCRATA, de um jornal à altura da defesa de seus interêsses. O fato foi lembrado por vários oradores que se fizeram ouvir na ocasião, dentre os quais anotamos o advogado Evandro Carneiro Martins, o líder operário José Marinho de Vasconcelos, e Sr. Valter de Souza — Presidente do Sindicato dos Pescadores do Ceará — o sanitarista Manoel Bastos Viana e os professôres Zezé Alencar e Caio Cirino, os quais apontaram a lacuna que se criara com o fechamento do órgão cearense da imprensa popular, reafirmando a disposição de que estão possuídos de trabalhar pelo seu reaparelhamento. Num ato de desprendimento que foi muito bem recebido pela assistência, o prof. Caio Cirino ofertou à Campanha pelo reaparelhamento do órgão da imprensa popular [illegible] motoneta que era o próprio [illegible] de transporte de que dispunha. A assistência deixou claro a [illegible] disposição de tudo fazer pela vitória da Campanha de [illegible] destinada ao reaparelhamento do órgão cearense da imprensa popular a qual foi orçada em Cr$ 1.600.000,00.

Encerrando a solenidade, em apreço foram executados vários números lítero-musicais a cargo de Antônio Gonçalo Viana, José Jetal, Luís Carlos Viana, Raimundo Saraiva, Ester Barroso e José F. Chagas.

SECRETÁRIO DO P.C. DO EQUADOR A NOVOS RUMOS

Derrotas Dos Golpes Imperialistas Provam: Luta do Povo Pode Libertar América Latina

"Ao lutar contra a política antipopular de Velasco e ao derrotar os golpistas, o povo equatoriano demonstrou sua fôrça e sua organização. A luta pela conquista das aspirações do povo continuará com maior vigor e êsse é o fator determinante do futuro equatoriano" — declarou notadamente a NOVOS RUMOS em entrevista exclusiva, o secretário geral do Partido Comunista do Equador Pedro Saad, que se pronunciou a respeito dos últimos e importantes acontecimentos verificados naquele país irmão.

"Quando Velasco subiu ao poder — afirmou inicialmente —, há quatorze meses, apresentou um programa em que se propunha a atender tôdas as necessidades do povo, realizar a reforma agrária, solucionar o problema do desemprêgo, não aumentar mais os impostos, etc.

Nenhuma dessas promessas foi cumprida. Dêsde o primeiro momento rendeu-se às fôrças oligárquicas, realizando uma política de esfomeamento do povo. Com menos de um ano os impostos foram aumentados em mais de 500 milhões de sucres. A moeda nacional foi desvalorizada em aproximadamente 20%, de acôrdo com as determinações do Fundo Monetário Internacional. Além de não atender em nada às necessidades e exigências populares, o govêrno de Ibarra permitiu o saque geral do país pelo grupo que detinha o Poder.

"Esta política estava em franca contradição com as posições que Velasco adotava no terreno internacional. Em sua política externa Velasco sustentava o princípio de não-intervenção e de autodeterminação dos povos, negou-se a romper relações com o govêrno revolucionário de Fidel Castro, defendendo-o.

A CRISE E A QUEDA DO GOVÊRNO

Partindo dessa contradição existente na política do govêrno equatoriano, o dirigente comunista Saad assinala que a mesma só poderia culminar com a crise do Poder, o que se verificou realmente durante os acontecimentos de 8, 9 e 10 de novembro último.

«Essa contradição não podia durar muito tempo, afirmou. A situação era insustentável e as oligarquias ligadas ao imperialismo ganhavam a cada dia novas posições no govêrno.

Êste estado de coisas provocou o descontentamento popular e o conseqüente surgimento de lutas de massas enérgicas contra a miséria e pela elevação do nível de vida da população. A manifestação mais elevada dessa luta foi a greve nacional que se verificou no dia 4 de outubro convocada pela Confederação dos Trabalhadores do Equador.

"Diante do recrudescimento da luta popular Ibarra ordenou a repressão sangrenta contra o povo e mandou metralhar os estudantes que realizavam manifestações. Foi neste momento que os golpistas se aproveitaram para derrubá-lo do poder e instaurar uma ditadura militar, mascarada pela outorga do govêrno a um elemento civil, o presidente da Côrte Suprema.

"O povo, entretanto, apoiado pelo setor democrático das fôrças armadas reagiu ràpidamente, esmagou os golpistas e derrotou a manobra reacionária. Carlos Júlio Arosemena, vice-presidente da República, foi empossado na presidência como mandava a Constituição."

O NOVO GOVÊRNO E OS COMUNISTAS

A personalidade de Arosemena, o Ministério constituído e a posição dos comunistas diante da nova situação no Equador foram objeto também de perguntas ao líder dos comunistas naquele país.

"Arosemena — assinalou inicialmente Saad — quando vice-presidente da República e Presidente do Congresso Nacional, combateu a política econômica, antipopular do govêrno Velasco e, ao assumir o Poder, declarou que vai enfrentar os problemas da reforma agrária e da reforma tributária, e que vai fazer todo possível e necessário para melhorar a vida do povo.

"Além do mais, declarou que em sua opinião o Equador deve manter relações comerciais e diplomáticas com todos os países do mundo, que coincide com as afirmações que fêz quando regressou da União Soviética há alguns meses.

Êstes elementos, e sua declaração de que manterá as relações com Cuba, definem uma posição inicial democrática, o que fêz com que nosso Partido apoiasse o presidente Arosemena. Entretanto, não é possível ainda fazer uma apreciação mais completa do Govêrno que se instalou no país depois da queda de Ibarra.

"O nôvo Ministério — acrescentou — é um ministério de coalizão, do qual participam conservadores, liberais e socialistas. Não resta dúvida de que a composição dêsse Ministério não é uma garantia completa de que os ideais do povo serão alcançados. Entretanto, isto não depende do Ministério, mas da ação do povo.»

Após assinalar a importância da luta popular para a derrubada de Velasco, o secretário do Partido Comunista Equatoriano afirmou:

"A posição do Partido Comunista do Equador está definida, e para concretizá-la vamos realizar todos os esforços. Lutaremos sem descanso, verificando em cada momento o mais conveniente para o país e para o povo, sem vacilações, mas também sem exageros, que seriam prejudiciais e só serviriam para um nôvo ataque da reação e do imperialismo".

A REPERCUSSÃO CONTINENTAL

"A ação do povo equatoriano ao derrotar os golpistas, constitui um nôvo golpe contra o imperialismo ianque — declarou finalmente Saad, referindo-se às repercussões continentais dos acontecimentos que se verificaram naquele país.

"Os imperialistas receberam dois golpes ùltimamente: o esmagamento do golpe no Brasil e o fracasso no Equador.

Êstes fatos demonstram que na autal situação da América Latina os povos estão capacitados a derrotar os imperialistas e que sua política golpista pode fracassar.

"Os acontecimento do Brasil e do Equador servirão, não temos dúvida, para dar maior confiança aos povos latino-americanos e para fazê-los acreditar mais em suas fôrças.

"Não se deve esquecer — concluiu — que a derrota dos imperialistas no Equador se verifica no momento em que se prepara uma nova agressão contra Cuba. O imperialismo tentou romper a solidariedade dos govêrnos do Brasil e do Equador para com Cuba tentando êsses golpes, mas fracassou inteiramente. Está claro que renovarão suas tentativas e procurarão atacar Cuba. Eis porque, hoje mais do que nunca temos que redobrar nossa solidariedade ao grande povo dirigido pelo heróico Fidel Castro"

Os EUA Violam a Soberania da República Dominicana

O povo da República Dominicana atravessa nestes dias uma situação de extrema gravidade. A revolta popular está nas ruas para acabar definitivamente com os restos do regime ditatorial antipopular do velho soba do latifúndio e dos trustes americanos recentemente assassinado — Rafael Leonidas Trujillo. A oligarquia trujillista vinha empenhando todos os esforços através de seu testa-de-ferro Joaquim Balaguer, para impedir uma transformação radical no país, a reconquista das liberdades democráticas suprimidas há mais de 30 anos e a afirmação da completa independência nacional, limitada pelas emprêsas estrangeiras que dominam a economia do país.

Nos últimos dias, ante o impetuoso crescimento das lutas populares na Capital e em outras cidades da República Dominicana, enquanto ferozes medidas repressivas eram postas em prática por Balaguer, numerosas unidades da Esquadra norte-americana ameaçavam diretamente Ciudad Trujillo. Ao mesmo tempo em que era implantado o estado-de-sítio, 14 navios de guerra dos Estados Unidos inclusive o porta-aviões «Franklin Roosevelt» invadiram as águas territoriais dominicanas, numa das mais cínicas intervenções ianques dos últimos tempos na América Latina. As próprias agências americanas informam: «14 unidades da Marinha dos EUA estão desde domingo ancoradas ao largo de Ciudad Trujillo e aviões a jato do porta-aviões Franklin Roosevelt voam sôbre a capital dominicana.»

Mas o povo da pequena República centro-americana está alerta e decidido a não deixar-se intimidar pela demonstração de fôrça e ameaça dos imperialistas, nem pela repressão do agente da camarilha dos Trujillo. As fôrças políticas que no país traduzem os sentimentos e as aspirações democráticas do povo e denunciam a intervenção ianque. Um comunicado emitido nas últimas horas pelo Partido Socialista Popular dominicano afirma existir uma «ameaça de intervenção direta» por parte dos Estados Unidos, acrescentando que «o imperialismo americano se apresta a dar um golpe na soberania e na independência da pátria». E exorta o povo dominicano a lutar por um govêrno sem trujillistas e sem militares a serviço do estrangeiro. O PSP dirige um apêlo aos «sentimentos patrióticos da jovem oficialidade não comprometida nos crimes da tirania» e conclama as fôrças armadas a se unirem para a luta «contra a intervenção estrangeira».

Este sentimento e esta apreensão dos dominicanos é partilhada por todos os povos latino-americanos. O próprio Itamarati enviou instruções à delegação do Brasil junto à OEA dizendo da apreensão com que o govêrno do Brasil encara os fatos ocorridos na República Dominicana e exige o absoluto acatamento aos princípios da autodeterminação dos povos e da não-intervenção nos negócios internos das nações cabendo à OEA a responsabilidade pela observância dêstes princípios.

Há um único país no Continente capaz de violar — e que o tem feito inúmeras vêzes — a soberania dos outros países: Estados Unidos. A advertência, portanto se dirige ao govêrno de Washington.

A situação é tanto mais grave quando se sabe que aumentaram nas últimas semanas as ameaças à Cuba, alardeando-se abertamente uma nova tentativa de invasão pelos mercenários ianques. A intervenção na República Dominicana seria o prólogo da nova aventura dos inimigos da Revolução Cubana.

Por isso mesmo devemos estar alertas. A intervenção dos Estados Unidos numa República do Continente constitui uma ameaça a todos os países da América Latina, neste momento em que as fôrças do imperialismo são batidas em todos os seus redutos e podem chegar aos mais desatinados atos de desespêro.

LÍCIO HAUER: EUA FAZEM DA...

(Conclusão da 4ª pág.)

ções do mundo de hoje dois Estados alemães com regimes sociais diferentes. Não! Nada disso Sr. Presidente. Para aquêles que acompanham o desenvolvimento da situação internacional principalmente as questões relacionadas com a situação da Alemanha as propostas da União Soviética correspondem inteiramente à realidade objetiva e estão na essência voltadas para a salvaguarda da paz com a eliminação do mais perigoso foco de guerra do mundo. Não pretende a URSS tomar medidas unilaterais. O memorando enviado pelo primeiro-ministro Nikita Kruschiov ao presidente John Kennedy propõe, exata e claramente, uma conferência ampla, da qual participem todos os países que foram aliados na guerra contra a Alemanha nazista, com o objetivo de assinar definitivamente o tratado de paz com a Alemanha, de acôrdo com o estabelecido nas Conferências de Ialta e Potsdam, em 1945, e levando em consideração naturalmente a situação existente naquela região européia, depois de todos êsses anos que se seguiram à destruição de Hitler, mas não de sua camarilha. Naturalmente que a União Soviética se arroga o direito, no caso de os seus amigos aliados se recusarem a discutir a questão, de tomar as medidas adequadas para liquidar unilateralmente o estado de ocupação da Alemanha, assinado um tratado de paz ou com os dois Estados alemães, de preferência, ou apenas com a República Democrática no caso de o sr. Adenauer a tal se recusar. Mesmo sem levar em conta o fato de que a simples recusa dos países ocidentais dará à União Soviética razões suficientes para agir unilateralmente, devemos lembrar que os próprios Estados Unidos já abriram um precedente dessa natureza quando, violando os acôrdos anteriormente firmados com o Govêrno soviético assinaram a paz em separado com o Japão, sem ao menos consultar ou avisar o Govêrno da URSS.»

O CASO DE BERLIM

Esclarecendo que «Berlim é apenas uma parte do problema geral», passa a afirmar o sr. Lício Hauer:

«O que propõe a URSS a respeito de Berlim é que a cidade seja desmilitarizada e neutralizada, isto é, que viva jurìdicamente, de acôrdo com leis próprias, não pertencendo nem à República Democrática Alemã nem à República Federal, que o seu Govêrno seja escolhido livremente pelos seus habitantes, sem nenhuma interferência de qualquer das grandes potências. E, mais, a URSS também está de acôrdo, para o caso de os ocidentais recusarem essas propostas, com a permanência em Berlim de contingentes militares restritos da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos, desde que êsses países admitam a soberania da República Democrática Alemã sôbre o território oriental do país e com essa República negociem a questão das vias de comunicação para a antiga Capital». E conclui, a respeito: «Como se vê, a pretensa defesa da liberdade, da autodeterminação ou o que quer que seja dos berlinenses da parte ocidental, não passa de pretexto dos ocidentais para se negar a discutir e resolver definitivamente a questão da assinatura do tratado de paz com a Alemanha».

Depois de fazer o histórico da divisão da Alemanha em dois Estados, referiu-se o deputado Lício Hauer à posição assumida pelo Govêrno brasileiro, afirmando:

«O Brasil, segundo se infere das afirmativas do ilustre chanceler, Prof. San Tiago Dantas, tende a tomar uma posição neutralista, a favor da paz e da autodeterminação dos povos. Mas, evidentemente, não serve à causa da paz qualquer tomada de posição que venha a reforçar unilateralmente uma das fôrças em choque. Não serve à causa da paz a permanência, 16 anos após o término do tremendo conflito, de um estado jurídico de beligerância. O Brasil que declarou guerra à Alemanha, ainda não lhe declarou a paz. Hoje, Sr. Presidente existem duas Alemanhas, sob organização política e jurídica de fato: uma no campo capitalista, outra no campo socialista. Não serve à causa da paz o conhecer uma sem reconhecer a outra. Isso não é posição neutralista, isso é ficar ao lado de uma das fôrças que contendem, é reforçar, é alimentar, precisamente o principal foco de guerra do mundo. Se desejamos sinceramente a paz, se adotamos uma política a seu favor, tal política, para fugir às meras palavras, deve ir direta aos fatos, com o reconhecimento de uma verdade: a existência real de duas Alemanhas, com as quais tècnicamente ainda mantemos um estado de beligerância».

O REPÓRTER DO JB NÃO PÔDE COMPREENDER O CONGRESSO DOS LAVRADORES

A. Guedes

O que predominou nos resultados do I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas foi a unidade, que se tornou possível através do debate franco e fraternal entre as organizações e pessoas que dêle participaram. Discutiram-se as questões relacionadas com a política a ser seguida para ganhar as massas para as posições de uma reforma agrária radical, bem como os problemas da organização do movimento camponês. Nessas discussões é que se chegou à média das opiniões expostas no Congresso.

O fator que mais contribuiu para a unidade foi a definição, pelo Congresso, do caráter da reforma agrária que convém às massas camponesas. A Declaração sôbre o caráter da reforma agrária, adotada unânimemente por tôdas as correntes do Congresso, define-a como «uma reforma agrária que modifique **radicalmente** a atual estrutura de nossa economia agrária e as relações sociais imperantes no campo». Esta definição é completada, mais adiante, com a fixação do princípio de que a reforma radical só pode ser conseguida pela atuação de um movimento camponês organizado e ajudado, em sua luta, pelo proletariado das cidades, pelos estudantes, pela intelectualidade e pelas demais fôrças nacionalistas e democráticas do País.

Deu-se, com tal Declaração, um grande passo para separar, no terreno da luta pela reforma agrária, o falso do verdadeiro, o revolucionário do demagógico. Na medida em que essas idéias sejam divulgadas e cheguem ao conhecimento das grandes massas, será difícil qualquer êxito dos que especulam, através de um jôgo de palavras, com legítimas reivindicações do movimento democrático brasileiro. Será difícil ao sr. Carvalho Pinto, por exemplo, impingir a sua «revisão agrária» como uma reforma de base, como algo que interesse aos camponeses. As idéias claras expostas pelo Congresso vão servir portanto para vencer a confusão em tôrno do assunto e, paralelamente a isso, ajudar o processo de unidade das fôrças democráticas já engajadas na luta pela reforma agrária. No Congresso, foi estabelecido de fato um contato permanente entre as Ligas de Julião, a ULTAB e os estudantes, o que vai multiplicar as fôrças da campanha nacional pela reforma agrária.

O caráter unitário que teve o Congresso não tem sido destacado pelos comentários da grande imprensa. Ao contrário, procura-se ressaltar as divergências ali surgidas como o principal. Chega-se mesmo, nesse sentido, a mistificar. E' natural que assim seja: não agrada aos inimigos da reforma agrária — e mesmo aos partidários de uma reforma limitada — a unidade alcançada no Congresso, que se traduzirá na prática, em fortalecimento do movimento camponês. A nenhuma dessas fôrças, tanto as contrárias à reforma agrária como as partidárias de uma reforma limitada, interessa um movimento camponês influenciado pelas fôrças renovadoras de nossa sociedade, um movimento inflamado pela idéia da reforma agrária radical. A êles, ou a alguns dêles, pode interessar, no máximo, uma reforma agrária limitada e feita de cima, sem a participação do movimento camponês; a nós, isto é, a tôdas as fôrças de esquerda, interessa, antes e acima de tudo, o movimento camponês, a fôrça social capaz de conquistar e transformar em realidade a reforma agrária, e, mais do que isto, capaz de fundir êsse movimento com as reivindicações antiimperialistas de todo o povo.

E' interessante, a êsse respeito, analisar a reportagem publicada no «Jornal do Brasil», do dia 19. O centro dessa reportagem é a disputa que teria havido no Congresso entre os comunistas e Julião. Nada mais inverídico. O que o repórter faz é deformar fatos para lhes dar uma significação diferente da que realmente tiveram. Vejamos.

Travou-se na Comissão de reforma agrária uma discussão em tôrno a uma tese da ULTAB. Alguns dos participantes da Comissão viam na tese uma contradição entre o sentido geral a favor de uma reforma agrária radical e um dos seus itens que dizia respeito à necessidade de se lutar pela regulamentação em lei do arrendamento e da parceria, como medidas capazes de fortalecer a luta pela reforma agrária radical. Os companheiros que assim pensavam — entre os quais estava o deputado Julião — achavam a medida inoportuna e inóqua, e mesmo reacionária, de vez que significaria o reconhecimento legal da parceria e do arrendamento. Os que defendiam a medida, entre os quais os comunistas, o faziam partindo do ponto de vista de que não há contradição entre a luta por determinadas reivindicações imediatas das massas camponesas, enquanto não é conquistada uma transformação total no campo brasileiro, e a luta pela reforma radical do regime da propriedade latifundiária da terra e das relações de produção pré-capitalistas, que caracterizam a vida rural de nosso País nos dias de hoje. Argumentaram que tais medidas aumentam a área de atrito entre as fôrças camponesas democráticas e o latifúndio, dinamizam a luta de classe no campo, ajudam, enfim, a elevar a consciência e o nível de combatividade das massas trabalhadoras rurais pela reforma agrária radical. Trouxeram a favor dêsse ponto de vista o que se faz no terreno da luta antiimperialista, onde, por exemplo, a luta por reivindicações isoladas, como é o caso da campanha que terminou pela criação da Petrobrás, não amortece a combatividade do movimento de emancipação nacional, mas, ao contrário, o fortalece. E concluíram: vemos na medida proposta uma relação que sempre existe, nos períodos de acumulação de fôrças, entre as reformas, e as transformações revolucionárias.

Na discussão, na Comissão, o ponto de vista do companheiro Julião e outros, obteve a maioria, ponto de vista que, por acôrdo geral, foi levado ao plenário do Congresso.

Foi isso o que ocorreu. Discussões idênticas travaram-se durante o Congresso e terminaram sempre em acôrdos. No debate citado, concordou-se em tomar a tese da ULTAB como base — e isso foi feito — para a resolução mais importante do Congresso: a Declaração sôbre o tipo de reforma agrária que convém aos camponeses e ao movimento democrático e nacionalista.

O que o repórter do «Jornal do Brasil» não compreendeu, ou não quis compreender, é que tais discussões são a própria base da unidade conquistada pelo I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas. O que êle não percebeu é que do Congresso saíram mais fortes Julião e as Ligas Camponesas, a ULTAB e todos os que lutam por uma reforma agrária verdadeira

ANUM BRANCO

"... afirmamos e reafirmamos, sem mais subentendidos nem sofismas teóricos, que Anum Branco é efetivamente um livro de contos. Sem hesitação acrescentarei que é um livro de bons contos, contados com autenticidade, sem mistificações psicologistas, sem fugidias ou fluidas tapeações supostamente poéticas. Contos reais, contos captados da experiência vivida, o que quer dizer que nêles o autor nos conta sempre alguma coisa acontecida ou, se não aconteceu tim-tim-por-tim-tim, aconteceu em seu núcleo central. Nem o contista é fotógrafo, cronista ou repórter, mas um recriador de episódios, cenas, casos, dramas e comédias da realidade". (Astrojildo Pereira).

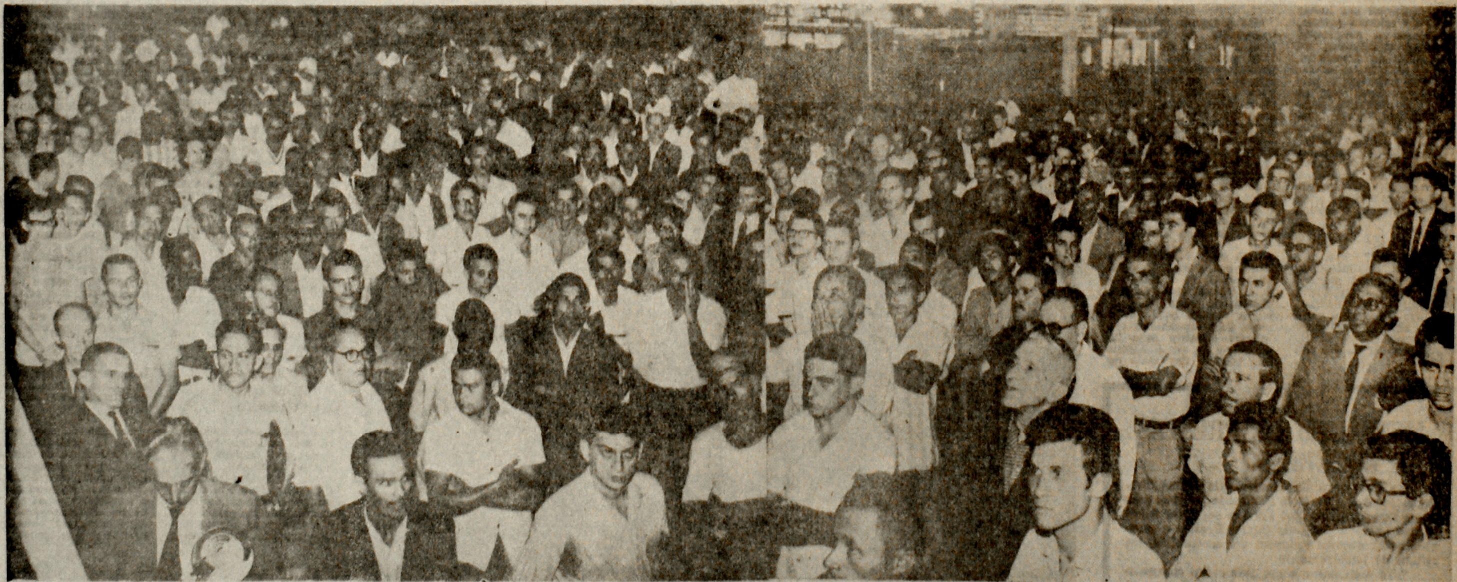
Pedidos à Editorial Vitória Ltda.

Rua Juan Pablo Duarte, 50 — sobrado.

Rio de Janeiro — Guanabara

LISTA PARA REGISTRO DO PCB. NOVOS RUMOS

Grande está sendo a procura das listas para coleta de assinaturas para o registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro, campanha que desperta grande entusiasmo popular, pois, em pouco tempo, já foram colhidas mais de 35 000 das cinqüenta mil exigidas pelo Supremo Tribunal Eleitoral. As pessoas interessadas, comunicamos que poderão encontrar as listas, tanto para assinar como para levar e colhêr novas firmas, na redação de NOVOS RUMOS.



Comício pelo registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro

Com a participação de milhares de pessoas, realizou-se na última têrça-feira, dia 14, o lançamento no Estado da Guanabara, da campanha pelo registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro, num vibrante comício no Largo do Machado. Estiveram presentes ao ato vários dirigentes sindicais, parlamentares, líderes estudantis e representantes de partidos políticos. Em nome dos comunistas cariocas, usou da palavra Orestes Timbaúva, que expôs aos presentes as razões do movimento, mostrando a necessidade da participação legal do Partido Comunista na vida nacional e da livre eleição de seus membros para as Câmaras de todo o país, o Senado Federal e os demais cargos. Raimundo Eirado, dirigente estudantil e ex-presidente da UNE, falou em nome da Juventude Trabalhista, seguindo-se com a palavra o líder sindical Roberto Morena, os deputados estaduais Hércules Correia e Roland Corbisier, e o advogado Sinval Palmeira. Nas fotos, aspectos da grande assistência que compareceu ao Largo do Machado, apesar da chuva

Congresso Nacional de Camponeses Decidiu:

"Reforma Agrária na Lei ou na Marra"

Reportagem de **Rui Facó** — enviado especial de NR

Quem quer que neste momento tenha ignorado ou pretendido ignorar o Primeiro Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, que se prolongou por três dias, de 15 a 17 de novembro, na capital de Minas, perdeu o contato com um dos momentos decisivos de nossa história contemporânea.

O Congresso Camponês de Belo Horizonte foi ponto de encontro, pela primeira vez em escala nacional, e é ponto de partida de uma situação nova que se está criando no campo. Engana-se redondamente quem julgar que os 1 600 delegados de todos os Estados presentes ao Congresso representam uma única corrente ideológica e de opinião. A sua fôrça reside precisamente nisto: é o ponto mais alto da unidade das mais diversas correntes ideológicas e políticas que não se conformam com a manutenção da atual estrutura agrária do Brasil. Correntes, algumas, talvez, mal-definidas, que não conheciam bem o caminho a trilhar neste problema universalmente debatido hoje em nosso país, que é a reforma agrária, e que ficaram conhecendo-o agora.

O Congresso camponês de Belo Horizonte pode ser definido como uma poderosa demonstração de fôrça, demonstração de unidade e despertar da consciência das massas rurais de nosso país.

Não foi a presença de prestigiosos líderes das massas camponesas como Francisco Julião, Nestor Vera, Lindolfo Silva, Jofre Correia Neto, José Porfírio; que mobilizam centenas de milhares de homens no Nordeste, no Sul, no Centro Oeste, que caracterizou o Congresso. A sua característica marcante foi a unidade de pontos de vista quanto à definição do que querem e de como consegui-lo.

INAUGURAÇÃO DO CONGRESSO

Os habitantes de Belo Horizonte eram unânimes: nunca naquela cidade haviam assistido em recinto fechado a uma tão grandiosa assembléia como foram as de inauguração e encerramento do Primeiro Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas.

O governo de Minas havia cedido para a realização do Congresso todo o edifício da Secretaria de Saúde, com seu enorme salão para 4 mil espectadores. Na noite de inauguração dos trabalhos do Congresso o salão estava repleto, a multidão transbordava pelas alas laterais, pelo saguão, descia as escadarias, espalhava-se na rua, onde os alto-falantes transmitiam os discursos dos oradores.

Estes se sucediam na tribuna, externavam suas opiniões, tratavam das linhas gerais da reforma agrária, historiavam o surgimento das ligas camponesas ou associações de lavradores, as lutas em que elas se têm envolvido, narravam os primeiros recontros com as fôrças do latifúndio, como na zona de Formoso, em Goiás, no norte do Paraná, no interior de São Paulo.

Os aplausos estrugiam, vivas calorosos saudavam os nomes mais conhecidos dos dirigentes de camponeses e trabalhadores agrícolas. Gritavam: "Reforma Agrária já!" "Terra ou morte!"

Unanimidade? Não. Na ala direita do salão (et pour cause...) um pequeno grupo dissentia, procurava interromper os oradores, promover vaias e, a certa altura, repelido pela enorme assembléia, lançou algumas ampolas de gás sulfídrico.

Quem seriam os dissidentes, um grupelho tão insignificante, uma gôta dágua naquele mar agitado do entusiasmo popular? Deram-lhe identificações diversas, depois: trotskistas, integralistas, policiais... Não sei. Uma coisa é certo: estavam contra a reforma agrária, defendiam os interêsses do latifúndio semifeudal agonizante.

Mas não resistiriam ao embate que se ia travar. Já na sessão inaugural do Congresso ficava decidida a sua sorte: ninguém acompanhou os inconformados — policiais, integralistas ou trotskistas. Foram êles isolados, isolados e repelidos. No dia do encerramento dos trabalhos, em carros alugados, desfilariam em frente à sede do Congresso com a sua ficha de identificação: distribuíam um antigo e encalhado suplemento de "O Globo", financiado pela embaixada americana, sôbre "o bolchevismo". Onde deixavam cair o papelucho, era êle abandonado ou rasgado com desprêzo.

E foi êste o canto do cisne dos pimpolhos do latifúndio...

ASSEMBLEIA PERMANENTE

Como nos dias de importantes lutas políticas reunem-se os parlamentos em assembléias permanentes, assim aconteceu com o Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Belo Horizonte: foi, durante três dias, a assembléia permanente da massa rural do Brasil.

Estes homens pareciam não dormir nem comer: com seus rostos esqualidos, angulosos, o passo lento, o sapato parecendo apertar no pé como um suplício terrível — mas ali firmes.

As nove horas, cada manhã, começavam as assembléias gerais e reuniam-se as numerosas Comissões em que estavam representadas as delegações, por Estado: Comissão de Reforma Agrária, Comissão de Arrendamento e Parceria, Comissão de Direito, Comissão de Assalariados e Semi-Assalariados Rurais, Comissão de Organização das Massas Trabalhadoras do Campo, Comissão de Reivindicações Democráticas e Sociais.

As Comissões se empenhavam no estudo e discussão de teses, moções, projetos, materiais que vão constituir contribuição valiosa ao debate do problema agrário e seu melhor conhecimento pelo próprio govêrno.

Mas o aspecto realmente importante do Congresso camponês era a sua assembléia geral. Com que desempeno aquêle homem de aparência rude subia à tribuna e na sua fala estropiada se revelava um grande orador! Não tinha papas na língua: ia direto ao assunto: a vida miserável da comunidade onde vive, herdeiro de uma única coisa: a miséria de seus antepassados... E com que desprendida tensão sabe dizer, com beleza, o que sente, pela experiência que, mesmo jovem, já lhe ofereceu a vida.

Vejo subir à tribuna um moço, pouco mais de vinte anos, vindo do interior do Piauí. Chegou numa viagem penosa, de muitos dias, a pé, a cavalo, num caminhão. Os companheiros coletaram dinheiro para financiar a sua vinda. Alguns não podiam dar mais de um cruzeiro — "sim senhor, um mil réis". Mas, valeu a pena. Ele está ali, e agora é que vê como a fôrça dos homens do campo é grande. E êle que não sabia! Vai-se inflamando, diz estar lutando há algum tempo pela posse da terra, pois a terra boa está nas mãos de meia dúzia, e muita terra inculta, sem nada produzir, enquanto os que têm terra vão para as cidades, à procura de trabalho que é difícil encontrar. Porque o trabalho escasseia e porque êle não sabe fazer mais nada do que pegar numa enxada — muitas vêzes um simples caco de enxada... Os que ficam, passam fome, alimentam-se dos frutos do mato, têm uma farinhazinha nas épocas da desmancha, mas de meia com o dono da terra... "Que me resta — diz — senão lutar de qualquer forma para ter um pedaço de terra? Sim, senhor, estou disposto a pegar em armas, como em outros lugares estão fazendo." "Porque a escravidão foi abolida — acrescenta num arroubo — mas continua a escravidão de "nossa mãe — a terra..."

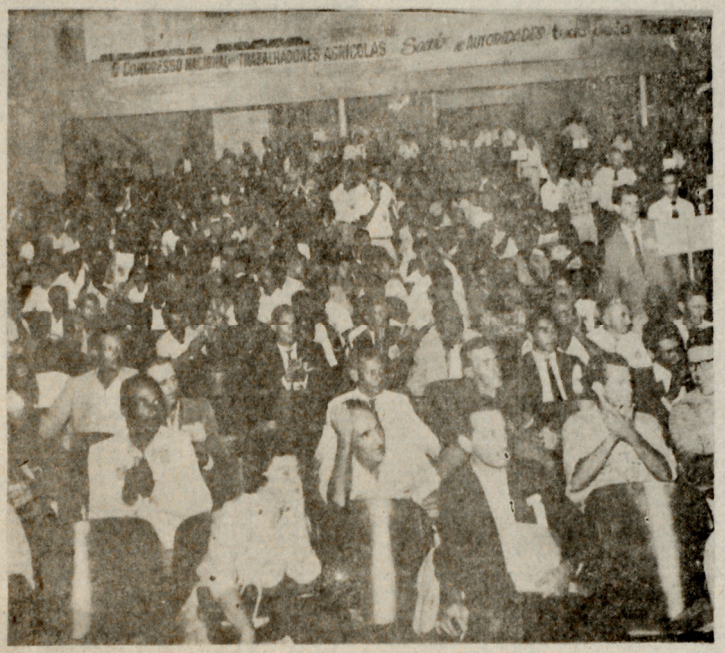
As palmas estrugem. Alguns se levantam e batem palmas de pé, como se quisessem marchar agora para a luta para libertar "nossa mãe — a terra..."

Parece já haver passado a época em que deviam acostumar-se com a idéia, não muito agradável, de terem que lutar para melhorar suas condições de existência. Essa idéia foi lentamente se estratificando, até começar a fazer parte de sua consciência atual.

É esta a decisão também dêste outro que vai à tribuna com seu chapèuzinho e tem igualmente uma mensagem a transmitir. É o mesmo relato que poderia parecer monótono dos sofrimentos comuns ao camponês sem terra, sem instrumentos de trabalho, sem gado e que mora numa palhoça, êste homem que nunca viu um rádio ou televisão, cuja mulher não conhece uma máquina de costura, e seus filhos não têm roupa ou sapato para frequentar uma escola. Também no lugar não há escola... Êle, como o que o antecedeu, com sua voz tranqüila mas firme, está decidido a lutar, "de qualquer forma", pela terra. "Que ela nos seja dada, por bem ou por mal..."

Na sessão de encerramento, os cartazes que se espalhavam pelo salão do Congresso traduziriam êste sentimento que se generaliza: *"Reforma agrária: na lei ou na marra"*.

Um deputado federal pediria êste cartaz para mostrar na Câmara. Será que a Câmara — parte dêsse parlamento que asfixiou até agora mais de 200 projetos de reforma agrária — tem olhos para ver e mente para compreender os dizeres simples mas expressivos daquele cartaz?



Aspecto do plenário do Congresso, vendo-se parte da enorme assistência quase permanentemente reunida, dia e noite, discutindo os candentes problemas do campo.

POR UMA REFORMA AGRÁRIA RADICAL

Traduzindo o sentir e o pensar da massa camponesa representada no Congresso — massa radicalizada que já luta ou se dispõe a lutar por todos os meios para conquistar a terra — o Congresso aprovou uma Declaração sôbre o caráter da reforma agrária em que diz, taxativamente, por aprovação unânime:

"A bandeira da reforma agrária radical é a única bandeira capaz de unir e organizar as fôrças nacionais que desejam o bem-estar e a felicidade das massas trabalhadoras rurais e o progresso do Brasil".

Como será feita a reforma agrária radical, que significa a destruição do latifúndio, do monopólio da terra: pacificamente, pelas armas?

A resposta a esta pergunta não depende só dos trabalhadores do campo, dos que querem terra, mas sobretudo das classes dominantes e em particular, dos latifundiários.

A reforma agrária radical, naturalmente, não exclui as lutas pelas reformas parciais como as lutas pela emancipação social do proletariado industrial não significam o abandono das lutas por aumento de salários pelo aperfeiçoamento da legislação trabalhista e outras medidas que, sob o capitalismo, são meros paliativos e não a solução final que interessa ao proletariado como classe. Foi através das lutas pelas reformas parciais, pelas reivindicações imediatas que se chegou à situação atual em que as massas camponesas marcham para fazer valer sua vontade.

PADRES NO CONGRESSO

É sintomático o fato de no Congresso estarem presentes, formando em delegações estaduais, vários representantes do clero. Destacaram-se particularmente frei Eugênio Giovenardi, capuchinho do Rio Grande do Sul, jovem e entusiasta combatente pela reforma agrária, e o padre católico do Ceará Arquimedes Bruno, além do padre Laje, que na sessão de encerramento pronunciou um dos melhores discursos do Congresso — um discurso de conteúdo revolucionário.

A presença dêstes sacerdotes destaca ainda mais a ausência da Igreja Católica na luta pela autêntica reforma agrária, pela reforma agrária como a definiu o Congresso, isto é, que represente o fim do regime latifundiário.

Aqueles sacerdotes, e vários outros em todo o país, conhecem de perto os problemas das massas camponesas dos trabalhadores explorados e oprimidos pelo latifúndio, e reconhecem como obrigação humana lutar ao lado dêles pela felicidade na terra.

E aliás êste fato mais um sintoma de como a ordem de coisas dominante abre fendas por todos os lados, desmorona-se irremediàvelmente.

O padre Laje, por exemplo, expressou corretamente o sentido da nova época que se inicia para o nosso país nesta exclamação que o Congresso aplaudiu de pé: "Esta não é mais a hora dos exploradores e sim dos explorados".

A SESSÃO DE ENCERRAMENTO

A sessão de encerramento dos trabalhos do Congresso foi também o seu ponto culminante. Verdadeira avalanche humana como no primeiro dia, transbordou do salão das assembléias gerais e foi necessário que o presidente, deputado Ernani Maia (cujo dinamismo foi objeto de reconhecimento geral) mandasse suspender o acesso à sala de sessões. Faltavam ainda umas duas horas para a chegada das autoridades governamentais. As 22 horas e 40 davam entrada no salão o presidente da República, sr. João Goulart, o primeiro ministro Tancredo Neves, o ministro das Relações Exteriores San Thiago Dantas, o ministro de Minas e Energia, Gabriel Passos, vários deputados, entre os quais os srs. Rui Ramos, Benio Gonçalves, Almino Afonso, Ivete Vargas, Tenorio Cavalcanti, o governador Magalhães Pinto, e todo o seu secretariado, o vice-governador Clovis Salgado.

O discurso pronunciado na sessão final do Congresso pelo presidente Goulart causou boa impressão, sobretudo na parte referente à necessidade imperiosa da reforma da Constituição para alcançar-se a reforma agrária. O comentário mais comum que se ouvia entre os congressistas era êste: "Que não seja mais uma das inúmeras promessas do govêrno para enganar os camponeses".

O grande discurso da noite foi proferido pelo deputado Julião. Discurso de sentido unitário e de afirmação da importância decisiva da luta pela reforma agrária, da qual o Congresso foi o estágio mais alto até agora — "talvez a última advertência", acrescentou Julião sob os aplausos entusiastas da assembléia.

Foi aplaudida de pé a Declaração do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas sôbre o Caráter da Reforma Agrária, a cuja leitura procedeu o presidente da ULTAB, Lindolfo Silva. (Este documento vai publicado à parte). Nêle estão contidas as linhas mestras da luta pela reforma agrária radical reclamada pelas massas camponesas.

* * *

Eram 2 horas da madrugada quando terminou a sessão final do Congresso. Grupos espalhavam-se pelos corredores, pelo salão de conferências, pelo saguão. Fisionomias cansadas. Algumas representações camponesas já se aprestavam à partir. Ao ombro colocara displicentemente o par de botinas que calçara até então. Não podia mais obrigar seus pés a suportar tamanho suplício: talvez pela primeira vez usasse sapatos. Ia voltar, reintegrar-se com a terra, juntar-se a seus vizinhos e companheiros, contar-lhes o espetáculo que fôra o Congresso. Ia levar-lhes a atmosfera do Congresso — sua atmosfera revolucionária. Vai semear idéias da reforma agrária como a compreendem os explorados e oprimidos do campo.

Ainda que nada existisse, no campo, de consciência dos direitos de classe do campesinato, êstes homens seriam o fermento da revolução camponesa que começa a atear-se no Brasil — para a liquidação completa do latifúndio semifeudal, do monopólio da terra. Porque o Congresso foi também um forte golpe nas chantagens de "reforma agrária" como a concebem Carvalho Pinto ou Cid Sampaio.

* * *

Já no fim dos trabalhos do Congresso, quando a mesa da presidência estava literalmente cheia de personalidades governamentais, representantes dos círculos dirigentes, homens de batina, ouvimos de um congressista, com ar de intelectual, talvez algum filósofo da História em disponibilidade, esta observação interessante:

— E a convocação dos Estados Gerais. Nobreza e clero vieram ao terceiro estado, vieram ao encontro do povo...

Observação que corresponde à realidade, desde que se acrescente: cronológica, social e ideològicamente — apesar de o Brasil ser ainda um país semicolonial e semifeudal — os componentes dêste terceiro estado se encontram mais perto de 1917 do que de 1789.

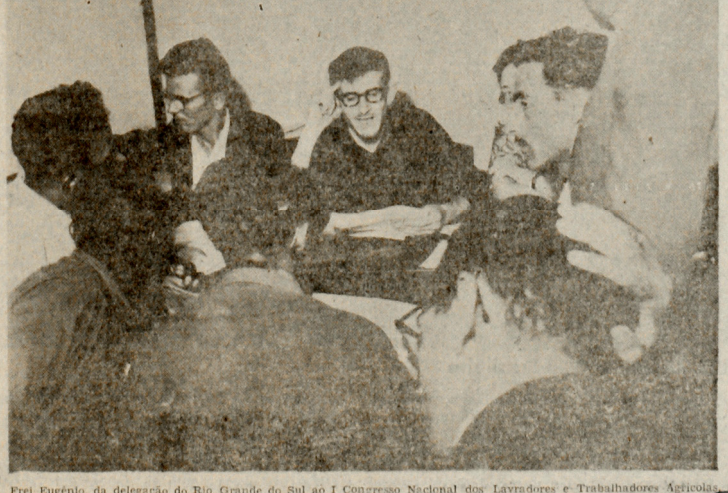
MENSAGEM DE PRESTES AO CONGRESSO

No Congresso dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Belo Horizonte foi lida pelo nosso companheiro Rui Facó a seguinte mensagem enviada por Luiz Carlos Prestes e recebida sob calorosos aplausos da assembléia, na sessão de encerramento:

"Em meu nome e em nome dos comunistas brasileiros saúdo o memorável I Congresso de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil. Faço votos pelo completo êxito de vossos trabalhos. Apoiamos e participamos ativamente, junto com as massas camponesas, da luta pela reforma agrária e por condições de vida e trabalho dignas e humanas para os camponeses e para todos os trabalhadores do Brasil.

17-XI-196"

LUIZ CARLOS PRESTES".



Frei Eugênio, da delegação do Rio Grande do Sul ao I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, teve atuação destacada no certame. Vêmo-lo aqui numa das Comissões do Congresso, presidindo-a.

NOVOS RUMOS

ARCHIVIO STORICO DEL MOVIMENTO OPERAIO BRASILEIRO
ARQUIVO EDGARD LEUENROTH 1890-1965